

# *Despertando às Atitudes Contemplativas*

EXTENSIÓN CONTEMPLATIVA INTERNACIONAL  
Oración Centrante Uno 2020



## SUMÁRIO

A Festa de São José – Presente 1 .....	2
Desprendimento .....	5
Cultivando o “Deus de todos os dias” .....	8
Descobrimo Deus nas Dificuldades .....	11
Consentir a um novo nível de fé .....	14
Responder em vez de reagir .....	17
Vivendo o Mistério Pascal a cada dia .....	20
A Humildade do Amor.....	23
Descobrimo a Deus presente tanto no sofrimento como na paz .....	26
Escutar o movimento do Espírito em seu interior .....	29
Abertura aos sentidos espirituais .....	32
Confiança no perdão incondicional de Deus. Transmitindo perdão .....	35
Cultivando a capacidade de receber e dar amor continuamente e sem limites.....	38
Consentindo à Incerteza .....	41
Abrindo-nos à Maternidade de Deus .....	43
Abertura à realidades mais além de nosso contexto cultural .....	46

Presente 1

## *A Festa de São José*

### *Renúncia na vida cotidiana*

*“Eis como nasceu Jesus Cristo: Maria, sua mãe, estava desposada com José. Antes de coabitarem, aconteceu que ela concebeu por virtude do Espírito Santo. José, seu esposo, que era homem justo, não querendo difamá-la, resolveu rejeitá-la secretamente.”*

*(Mt 1, 18-19)*

Assim como Abraão se converteu nos pais dos que têm fé ao renunciar à possibilidade de um sucessor, assim José chegou a ser esposo de Maria somente depois de haver renunciado ao plano de desposá-la. Tudo isso gira ao redor da perda e do encontro de Maria. É um paralelo à perda e ao encontro de Jesus no templo. José havia decidido viver com Maria como sua esposa. Quando a misteriosa gravidez frustrou seus planos, ele decidiu que teria de desistir da visão que havia se formado sobre sua vida – seu plano de servir a Deus com Maria como sua esposa. Podemos imaginar uma renúncia mais difícil que *renunciar a Nossa Senhora*? A causa de seu coração partido foi o próprio Jesus. Esse é um padrão significativo na vida cristã. Posteriormente, José teve que passar pela perda e pelo encontro de Jesus no templo, uma participação mais profunda ainda no Mistério da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo.

Cada um que busca autenticamente a Deus, desde o princípio dos tempos até o fim do mundo, tem de passar por este mistério interior de morte e ressurreição, possivelmente muitas vezes. O amor de José por Maria e sua visão de uma vida com ela – e depois seu amor por Jesus e sua visão de uma vida com ele – foram suas *grandes visões*. Ambas concedidas a ele por Deus, e ambas aparentemente removidas pelas circunstâncias estabelecidas por Deus. Estes foram os *olhos* a que José teve de renunciar para poder ver com os *olhos de Deus*. Teve de renunciar à sua visão pessoal para poder chegar a ser a Visão mesma. Afinal, esta é a meta e a finalidade de toda a vida cristã.

Deus nos concede pessoas com grande visão! Ou seja, homens e mulheres que se dedicam a um grande ideal ou propósito. A “visão” é o que dá à vida cotidiana sua direção e propósito. Quando viajamos através do deserto, prado ou mar – todas estas, imagens da vida cotidiana na literatura espiritual – podemos nos encontrar com vários lugares de descanso: um oásis, um jardim de delícias espirituais, ou um porto. Esta pode ser uma ocasião de terrível tentação para uma pessoa de grande visão. Parece termos chegado ao final da cansativa travessia e todos os imensos esforços próprios parecem estar frutificando. Na realidade, o lugar de descanso se converterá em lugar de veneno, a menos que nos apressemos em continuar avançando. A consolação espiritual é prejudicial quando apenas se busca a si mesma.

Porém, como podemos seguir avançando? Renunciando à visão? Não, necessariamente. Mas, por outro lado, estando dispostos a fazê-lo. Porque essa última renúncia é o único modo de nos mover para além do que pensarmos ser a visão e aceitar o que ela realmente é. Em outras palavras, é necessário renunciar às nossas próprias ideias de como alcançar o lugar da visão para poder chegar lá. Assim, Deus disse a Abraão no momento mais crítico de sua vida: *“Leva teu filho... Isaac, a quem tu amas, vá para a terra de Moriah e ofereça-o como sacrifício em uma das montanhas em que Eu te direi”* (Gn 22, 2). Parafraseando o texto: *“Tome tua grande visão, teu ideal de jornada espiritual e o caminho para alcançá-la, e vá ao lugar que eu te mostrarei. Ali, sacrifica-a a mim”*.

A luta para chegar à “terra da visão”, quando não se contenta com algo menor ao longo do caminho, conduz à decepção ou a algo parecido com o desespero. É como morrer. Seu mundo tem que se romper; e você, com ele! Seu ideal de vocação, de travessia espiritual, de Igreja, de Jesus Cristo, até mesmo de Deus, tem que se quebrar. O ponto crucial do dilema humano que Jesus assumiu em si mesmo não consiste simplesmente em nossos pecados pessoais. É nossa “condição pecadora”: tudo o que nos motiva a apenas refletir sobre nossa visão, em vez de experimentá-la.

## Lectio Divina

Somos convidados, agora, ao sono de José! O sono que pode ser fruto do cansaço das lutas, exteriores e interiores, do cotidiano no qual todos nós estamos e vivemos. Mas também o sono daqueles que aprenderam que não podem tudo; que há um momento em que é necessário esperar! Esperar em Deus, antes de qualquer iniciativa. Vamos acompanhar este homem justo (Mt 1, 19) neste processo de descoberta dos desígnios de Deus para sua vida e de sua Família, por mais diferentes que pareçam ser em relação aos mais belos ( e pios) desígnios próprios!

Após um período de Oração Centrante, e breve silêncio, faça a Lectio Divina com a Palavra baixo e permita que Deus lhe indique passos de abertura à sua Vontade, da mesma forma que fez com José.

*Eis como nasceu Jesus Cristo: Maria, sua mãe, estava desposada com José. Antes de coabitarem, aconteceu que ela concebeu por virtude do Espírito Santo. José, seu esposo, que era homem de bem, não querendo difamá-la, resolveu rejeitá-la secretamente. Enquanto assim pensava, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos e lhe disse: “José, filho de Davi, não temas receber Maria por esposa, pois o que nela foi concebido vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo de seus pecados”. Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor falou pelo profeta: Eis que uma Virgem conceberá e dará à luz um filho, que se chamará Emanuel (Is 7,14), que significa: Deus conosco. Despertando, José fez como o anjo do Senhor lhe havia mandado e recebeu em sua casa sua esposa. E, sem que ele a tivesse conhecido, ela deu à luz o seu filho, que recebeu o nome de Jesus. (Mt 1, 18-25)*

## Prática

Ao longo da semana, após seu período da Oração Centrante, faça dois exercícios: um de memória e um de abertura! No exercício de memória, busque, com o coração sereno e ainda pleno da presença de Deus, em que momentos de sua vida a Deus chegou “sem seu consentimento”. Retorne a este momento, e procure entender que impacto ele teve em sua vida. E no exercício de abertura trace um propósito de renunciar, ao longo do dia, a tudo que possa impedir estar atento às investidas de Deus: ao abraço amoroso a que Ele nos convida a cada momento.

O trecho de Padre Thomas Keating, abaixo, e a interseção de São José, poderão ajudar-lhe neste processo:

*Como muitas parábolas indicarão mais tarde, a ação de Deus é imprevisível. Às vezes, a surpresa é maravilhosa, como quando uma pessoa encontra um tesouro escondido no campo. Em outras ocasiões, se Deus dá a conhecer alguma exigência ou desafio, a surpresa é experimentada como o fim do mundo de alguém: seu pequeno ninho é esvaçado. Esses eventos ocorrem regularmente na vida de Maria e José. Essa é apenas a primeira vez em que Deus, sem ser convidado, se intromete em sua vida e a põe de perna para o ar. A aceitação do que Jesus prega mais tarde como o reino (reinado) de Deus implica a prontidão de permitir que Deus entre em nossa vida da maneira que lhe aprouver e a qualquer momento; inclusive agora. Não amanhã, mas agora! O reino de Deus é o que acontece; estar aberto para o reino é estar preparado para aceitar o que acontece. Isso não significa que compreenderemos o que está acontecendo.*

(Padre Thomas Keating. O Mistério de Cristo. São Paulo: Loyola, p.31 – 32)





Murillo, 1650 (museodelprado.es)

## Desprendimento

### O FINAL DE NOSSOS MUNDOS

O Advento – que celebramos faz pouco tempo – é a estação litúrgica que celebra o tema da divina luz. Esta grande luz, encarnada em Jesus, confronta qualquer tipo de escuridão, ilusão, ignorância. Se refletirmos por um momento nos ciclos naturais da vida, nosso mundo sempre está chegando a algum fim. O mundo do útero chega ao seu final com o nascimento; o mundo da primeira infância chega a seu fim em torno dos três anos; a infância chega a seu fim com a adolescência; a adolescência com a juventude; a juventude com a crise da idade adulta. Então vem a velhice, a senilidade e a morte. A vida é um processo. A experiência do crescimento e o declínio da energia física nos forçam a deixar ir cada período da vida na medida em que o atravessamos. Isto quer dizer que a vida física está sempre dando lugar a um maior desenvolvimento. Portanto, não deveríamos ficar surpresos por Jesus nos convidar a permitir que os mundos privados de nossos apegos emocionais, ideias preconcebidos e valores predeterminados cheguem ao seu fim.

Uma das mensagens do Advento, especialmente o tema do fim do mundo, não tem a ver tanto com o fim do mundo propriamente dito e nem com a morte física – que é o fim do mundo atual para cada um de nós –, mas com todos os mundos que chegam a seu fim na evolução natural e espiritual da vida. Assim, cada vez que nos movemos a um novo nível de fé, o mundo prévio em que vivemos, com todas as suas relações, chega a seu fim. Isto é o que João Batista e posteriormente Jesus queriam dizer quando iniciaram seus ministérios dizendo: *Arrependam-se.*” A mensagem que desejavam transmitir era: “É o final de *seu* mundo”. Naturalmente, não gostamos de escutar tais notícias; não gostamos de mudar. Dizemos: “Fora com este homem!”.

O processo de conversão começa com a genuína abertura à mudança, abertura à possibilidade de que, tal como a vida natural evolui, assim também a vida espiritual deve evoluir. Nosso mundo psicológico é o resultado do crescimento natural, de eventos sobre os quais não tivemos controle em nossa primeira infância, assim como a graça. A graça é a Presença e ação de Cristo em nossas vidas, convidando-nos a nos desprender de onde estamos agora e a estar abertos aos novos valores que nascem cada vez que aprofundamos numa nova compreensão do Evangelho. Mais ainda, Jesus nos chama a nos arrepender não somente uma vez; é um convite recorrente, uma e outra vez. Na liturgia, isto se repete várias vezes ao ano, especialmente durante o Advento e a Quaresma. Pode ocorrer também em outras ocasiões através de diversas circunstâncias: desilusões, tragédias pessoais ou o aparecimento na nossa consciência de alguma compulsão ou motivo secreto que desconhecíamos. Uma crise em nossa vida não é motivo para sair correndo; é a voz de Cristo nos convidando a aceitar mais a ‘divina luz’. Um aumento da ‘divina luz’ significa um aumento do que essa ‘divina luz’ revela, que é a vida divina. E quanto mais vida divina recebemos, mais percebemos que essa vida divina é puro amor.

Em qualquer momento que aceitamos o convite para soltar nosso nível atual de comunicação com Cristo por um novo, isso pode nos ocasionar temor. Uma relação cômoda com Cristo – nosso pequeno mundo de leituras, orações, devoções ou ministérios – é boa. Mas assim como o processo da vida se move dia a dia, a graça de Cristo inexoravelmente nos chama, mais além de nossas limitações e medos, para novos mundos. Como a Abraão, o paradigma clássico da fé, Jesus nos pede para deixar a terra, família, cultura, grupo de amigos, educação religiosa, tudo ao qual podemos nos agarrar para estabelecer uma identidade ou evitar de nos sentir sozinhos. Jesus nos chama, de modo delicado mas firme, a deixar tudo isso para trás, dizendo: *“Deixa tua terra, tua família e a casa de teu pai e vai para a terra que eu te mostrar”*. (Gênesis 12,1)

O chamado à oração contemplativa é um chamado ao desconhecido. Não é um chamado a nada, mas também não é um chamado a algum lugar que possamos nos imaginar nele. Cada vez que consentimos a um crescimento de nossa fé, nosso mundo muda e nossas relações têm que se ajustar à nova perspectiva

que nos foi dada. Nossas relações com nós mesmos, com Jesus Cristo, como nossos vizinhos, com a Igreja, inclusive com Deus mesmo, tudo muda. É o fim do mundo que conhecemos previamente e no qual vivemos. Às vezes, o Espírito deliberadamente destroça esses mundos. Se nós temos dependido desses mundos conhecidos para ir a Deus, é possível que nos sintamos perdidos de Deus. É possível que tenhamos dúvidas a respeito da existência de Deus. Não estamos duvidando do Deus da fé, mas de Deus de nossos limitados conceitos ou dependências; esse Deus, definitivamente, nunca existiu. A fé pura é a purificação de nossos apoios humanos em nossa relação com Deus. Na medida em que renunciamos a estes apoios humanos, nós nos relacionamos mais diretamente com a divina presença, mesmo quando ela possa ser sentida como o final de nossa vida espiritual.

Portanto, a segunda parte da mensagem de Jesus é importante. Se você se arrepende e está disposto a mudar ou a permitir que Deus te mude, o Reino de Deus está próximo. De fato, você já o tem; está dentro de você mesmo e pode começar a desfrutá-lo. O Reino de Deus pertence àqueles que deixaram ir suas atitudes possessivas em relação a tudo, incluindo até Deus. Deus é puro dom; não podemos possuí-lo tão somente para nós. Somente podemos possuí-lo recebendo-o e compartilhando-o com os demais.



*Como nos explica Padre Thomas, em nossa vida espiritual somos constantemente convidados ao desprendimento, a “deixar ir”. E sempre somos tentados a nos agarrar aos modos familiares de nos relacionar com Deus, inclusive quando o Senhor nos convida a transcender, o que nos faz sentir tranquilos e seguros para segui-lo pelos caminhos de liberdade e de aventura do Evangelho. Reflitamos:*

- ◆ *A que estou agarrado em minhas relações familiares, sociais, culturais e em minha vida de fé?*
- ◆ *Já experimentei alguma situação na qual uma tragédia ou alguma dificuldade se converteu em ocasião de crescimento, desprendimento e graça? Agradeça ao Senhor e compartilhe com o grupo, se você se sentir chamado.*
- ◆ *Observe pausadamente algum ciclo natural de mudança: o crescimento de filhos e netos, uma flor que se abre ou se desabrocha, a água que corre, um amanhecer ou entardecer, etc. Como se manifesta ali o “deixar ir”, o desprendimento?*
- ◆ *Se você se sente inclinado a isto, fotografe com o seu celular ou câmara uma imagem que mostre a mudança, a impermanência de tudo o que existe. Compartilhe a foto com o grupo.*



## *Lectio Divina*

Depois de seu período de Oração Centrante, permaneça sentado por uns minutos com o texto bíblico a seguir. Mantenha-se aberto a qualquer sugestão do Espírito Santo. E se alguma palavra, frase ou versículo atrair sua atenção, permaneça com ela, repita-a, saboreia... Responda a ela e logo permaneça em silêncio por uns momentos. O que te diz sobre a mudança e o desprendimento? A que te convida? Compartilhe com o grupo.

*“Quando, pois, Jesus ouviu que João fora preso, retirou-se para a Galileia. Deixando a cidade de Nazaré, foi habitar em Cafarnaum, à margem do lago, nos confins de Zabulon e Neftali, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías... Desde então, Jesus começou a pregar: “Fazei penitência, pois o Reino dos céus está próximo”. Caminhando ao longo do mar da Galileia, viu dois irmãos: Simão (chamado Pedro) e André, seu irmão, que lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores. E disse-lhes: “Vinde após mim e vos farei pescadores de homens”. Na mesma hora, abandonaram suas redes e o seguiram.” (Mateus 4,12-13;17-20)*

Durante o resto da semana, convidamos a todos vocês a retornar a este mesmo texto bíblico e reler com muita atenção, refletindo sobre ele, respondendo a ele e retornando ao silêncio quando você se sentir assim chamado. Procure levar alguma das palavras ou sugestões deste texto bíblico à sua vida diária.

Padre Thomas faz referência ao chamado de Abraão em Gênesis 12:1: *“Deixa tua terra, tua família e a casa de teu pai e vai para a terra que eu te mostrar”*. O que te diz este versículo sobre sua vida pessoal agora, neste momento? O que este versículo te questiona? A que te convida?





## Cultivando o “Deus de todos os dias”

### VIVENDO COMO SE DEUS ESTIVESSE AUSENTE

*“Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e compadeceu-se dela, porque era como ovelhas que não têm pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas. A hora já estava bem avançada quando se achegaram a ele os seus discípulos e disseram: “Este lugar é deserto, e já é tarde. Despede-os, para irem aos sítios e aldeias vizinhas a comprar algum alimento”. Mas ele respondeu-lhes: “Dai-lhes vós mesmos de comer”. Replicaram-lhe: “Iremos comprar duzentos denários de pão para dar-lhes de comer?”. Ele perguntou-lhes: “Quantos pães tendes? Ide ver”. Depois de se terem informado, disseram: “Cinco, e dois peixes”. Ordenou-lhes que mandassem todos sentar-se, em grupos, na relva verde. E assentaram-se em grupos de cem e de cinquenta. Então, tomou os cinco pães e os dois peixes e, erguendo os olhos ao céu, abençoou-os, partiu-os e os deu a seus discípulos, para que lhos distribuíssem, e repartiu entre todos os dois peixes. Todos comeram e ficaram fartos. Recolheram do que sobrou doze cestos cheios de pedaços, e os restos dos peixes. Foram cinco mil os homens que haviam comido daqueles pães.” (Marcos 6,34-44).*

Trata-se de uma dessas situações impossíveis que surgem regularmente no curso da vida ordinária. Era tarde, depois de um dia cansativo; uma multidão longe de suas casas e sem nada para comer. Os discípulos vendo a situação tinham uma solução. Foram até Jesus e lhe disseram: ‘É hora de despedir este povo para que eles consigam alimento e abrigo nos arredores.’ Eles não tinham consciência de Deus nesse momento; somente olhavam a dificuldade como seres humanos. Jesus, certamente, não somente via o lado humano da situação, mas também a presença de Deus nela. A perspectiva é muito diferente quando, como Jesus, somos sensíveis ao que Deus está procurando fazer.

Santa Teresa de Ávila disse que toda dificuldade na oração provém de um defeito fatal: orar como se Deus estivesse ausente. Nossa travessia espiritual como um todo padece do mesmo defeito fatal: buscar Deus como se Ele estivesse ausente. A vida ordinária tem o mesmo defeito: vivemos como se Deus estivesse ausente. Uma das formas que temos mais tendência na vida é adiar a nossa busca por Deus, adiar a nossa oração ou a nossa conversão até que nossos problemas imediatos tenham desaparecido...

Esta é uma tentação preferida de quase todo mundo na travessia espiritual. Não podemos ver a presença de Deus precisamente onde estamos, nem nas situações concretas nas quais nos encontramos. Pelo contrário, tendemos a pensar: “Se eu tivesse vivendo somente as circunstâncias adequadas para orar, tudo estaria bem. Estaria pensando em Deus constantemente; oraria todo o tempo, como os monges santos e as monjas de clausura”.

Eu não estou seguro de que os monges e as monjas de clausura se encontram orando mais do que você. Eles e elas também têm problemas. Se vivem numa fazenda, surgem as mesmas tentações: “Dedicarei mais tempo à oração depois da colheita”. Se são contadores, “dedicarei mais tempo à oração tão logo eu pague as contas deste mês”.



Aqui está a clássica tentação de adiar a viver na presença de Deus para algum momento no futuro. Alguns exemplos disto: “dedicarei mais tempo à oração tão logo meus filhos cresçam; quando meu esposo superar sua enfermidade; quando eu não tiver que trabalhar tanto; quando eu puder controlar os problemas de personalidade que enfrento no trabalho.” Em outras palavras, “vou por foco na travessia espiritual tão logo eu supere meus problemas imediatos”. Nossa resposta à vida é colocar toda nossa energia em sobreviver às dificuldades do momento, acreditando que somente quando estas dificuldades estiverem sob controle seremos capazes da prática de estar na presença de Deus. Mantemos a ilusão de que Deus não está presente aqui e agora, de que Deus não está nas dificuldades diárias. Esta maneira humana de julgar revela uma carência de fé. Somos como Felipe, que disse a Jesus: “Senhor, mostra-nos o Pai e isto nos basta”. E a resposta de Jesus foi: “*Felipe, faz tanto tempo que estou com vocês e ainda não me conhecem? Quem me vê, também vê o Pai.*”

Se as situações ordinárias da vida pudessem nos falar, elas nos diriam: “Como é que não nos reconhecem? Quem nos vê, vê a Deus”. Deus está presente nas dificuldades e nas situações impossíveis. Sua presença está presente não apenas ontologicamente, porque Ele está em toda parte, mas também porque a ação divina está presente em todos os eventos. Suponhamos que num determinado dia estejamos recitando orações enquanto dirigimos pela estrada e de repente um pneu explode. Quando nos damos conta de que não encontramos o macaco hidráulico, nossas orações desaparecem. Tentamos fazer um sinal para que alguém pare, mas ninguém para. Rapidamente ficamos alterados. Chamamos um caminhão de reboque. E somente quando chegamos em casa e temos o carro na garagem, voltamos a pensar de novo em Deus. Onde esteve Deus durante esta situação? Desintegrou-se?

Precisamos cultivar o que Bernadette Roberts chamou de ‘*o Deus de todos os dias*’. Os raios X da fé não esperam que tudo caminhe bem, de modo ideal e em paz, antes de nos relacionar com Deus. A fé diz: ‘Bem, esta é uma situação estranha, uma situação desesperada, uma situação impossível. O que é que Deus está me dizendo ou o que é que Deus está me pedindo que eu faça?’

No Juízo Final, segundo a parábola, os servidores de Deus dirão: “Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos peregrino e te acolhemos, nu e te vestimos? Quando foi que te vimos enfermo ou na prisão e te fomos visitar?”. E Ele responderá: “Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes.” (Mateus 25,38-40)

As situações impossíveis podem estar relacionadas a outras pessoas, enfermidades, desastres ou a outras grandes situações inconvenientes. A forma como reagimos a estas situações impossíveis é a nossa resposta à presença de Deus. Viver a vida diária como se Deus estivesse ausente é o fracasso total da travessia espiritual. A ideia de que Deus está ausente é somente um pensamento ou sentimento. Se formos capazes de romper com esta ilusão e ignorar o sentimento, nós estaremos no caminho correto. Deus não pode estar ausente! Tratá-Lo como se Ele estivesse ausente é um insulto. É como dizer a Deus: “Tu não estás em minha vida, pelo menos não estás nesta situação. Rezarei quando eu descer deste avião; quando terminar este pesado sermão; quando finalmente conseguir meu divórcio; quando esta situação dolorosa no escritório se resolver; quando eu recuperar a energia que preciso para superar esta situação impossível”.

Jesus pode ver naquela multidão de pessoas famintas e cansadas, situação impossível, um convite de Deus para realizar um milagre. Jesus estava motivado somente pelo que percebia que Deus estava fazendo. Sua sensibilidade à compaixão divina intensificava de tal forma sua percepção, que, em uma situação na qual não havia alimento, Ele sabia que o Pai faria algo para prover as pessoas. Se Jesus tivesse visto esta situação como uma situação impossível, uma impossibilidade, e tivesse enviado as pessoas a suas casas, a preocupação de Deus em responder a esta necessidade humana não havia se manifestado.

O Espírito nos fala de diversas maneiras na vida cotidiana. Cristo está presente em diferentes aspectos. Na tragédia humana, há sempre algo que o Pai quer que façamos para promover uma cura. A dimensão contemplativa do Evangelho aumenta cada vez mais a intensidade desta sensibilidade. Quando seguimos a inspiração do Espírito, ocorrem resultados imprevisíveis. Daí a necessidade de cultivar a presença e a ação de Deus nas situações nas quais nos parece impossível fazer algo. O mistério de Cristo trabalha em tudo, não importa o quanto pareça humilde ou rotineiro. Nossa resposta pode estar inspirada pelo falso eu ou pelo Espírito. Se é pelo Espírito, as consequências serão imensas, tanto para nós mesmos quanto para os demais e, talvez, para toda a família humana.

## Lectio Divina

Convidamos a todos a se sentar, cômoda e calmamente, depois de um período de Oração Centrante ou depois de um breve período de silêncio, e ler lentamente o texto do Novo Testamento com o qual começamos este envio: Marcos 6,34-44. Permita que a Palavra penetre no mais profundo do seu ser. Permaneça aberto a perceber se uma palavra, frase ou versículo te atrai de forma especial, se te fala ao coração. Reconheça-a e repita, saboreia, rumine-a. O que esta palavra ou frase te diz a respeito de sua situação de vida hoje? Responda espontaneamente ao que você recebeu e permita a você mesmo a permanecer em silêncio, quando se sentir atraído a este silêncio. Leve esta ou outra palavra do texto para sua vida diária.

## Prática

Nos dias sucessivos desta semana, volte à leitura de Marcos no mesmo espírito de oração e escuta. Convidamos também a se aproximar, na forma de Lectio, à seguinte passagem: "Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos peregrino e te acolhemos, nu e te vestimos? Quando foi que te vimos enfermo ou na prisão e te fomos visitar?". E Ele responderá: "Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes." (Mateus 25,38-40). Reflita sobre o ensinamento de Jesus acerca de **"o Deus de todos os dias"** na sua vida pessoal. Como se manifesta este ensinamento na passagem de Mateus? Quem são os sedentos, famintos e prisioneiros de sua vida ordinária? Se você se sente chamado, compartilha com o grupo o que o Espírito te inspira.

♦ Os que seguiram com atenção o curso sobre a prática da Presença de Deus, que compartilhamos no ano passado, reconhecerão aqui exatamente seus mesmos componentes. Tanto Teresinha de Lisieux como o Irmão Lorenzo, Bernie e Jean-Pierre de Caussade nos falavam para estar sempre atentos para responder ao dever do momento presente. Durante esta semana, portanto, convidamos a todos a permanecer alertas e receptivos para reconhecer e cultivar **"o Deus de todos os dias"**. Procure explorar formas concretas de responder e compartilhar com os companheiros do grupo. Obrigada!



## Descobrimo Deus nas Dificuldades

### CRISTO NA TORMENTA

*“Logo depois, Jesus obrigou seus discípulos a entrar na barca e a passar antes dele para a outra margem, enquanto ele despedia a multidão. Feito isso, subiu à montanha para orar na solidão. E, chegando a noite, estava lá sozinho. Entretanto, já a boa distância da margem, a barca era agitada pelas ondas, pois o vento era contrário. Pela quarta vigília da noite, Jesus veio a eles, caminhando sobre o mar.\* Quando os discípulos o perceberam caminhando sobre as águas, ficaram com medo: “É um fantasma!” – disseram eles –, soltando gritos de terror. Mas Jesus logo lhes disse: “Tranquilizai-vos, sou eu. Não tendes medo!”. Pedro tomou a palavra e falou: “Senhor, se és tu, manda-me ir sobre as águas até junto de ti!”. Ele disse-lhe: “Vem!”. Pedro saiu da barca e caminhava sobre as águas ao encontro de Jesus. Mas, redobrando a violência do vento, teve medo e, começando a afundar, gritou: “Senhor, salva-me!”. No mesmo instante, Jesus estendeu-lhe a mão, segurou-o e lhe disse: “Homem de pouca fé, por que duvidaste?”. Apenas tinham subido para a barca, o vento cessou. Então, aqueles que estavam na barca prostraram-se diante dele e disseram: “Tu és verdadeiramente o Filho de Deus.” São Mateus 14, 22-33*

Vamos ler este dramático texto a partir da perspectiva de nossa própria experiência de graça. Na festa de Pentecostes, o Espírito de Cristo, derramado sobre os discípulos de origem, é derramado igualmente sobre nós. Ano após ano, esta festa refina nosso aparato receptivo para que possamos nos sintonizar com as mensagens mais profundas, delicadas e fascinantes do universo e sua origem.

Jesus passou a noite em oração. Como Ele poderia conduzir seus discípulos a uma melhor compreensão do Reino de Deus? O Reino implica uma mudança de valores para um nível mais profundo. Este é um projeto que aterroriza a maior parte das pessoas. Teoricamente, seria magnífico crescer. Mas, na realidade, normalmente dizemos: ‘Vamos esperar mais uns dias, semanas ou anos’...

Jesus foi inspirado pelo Espírito a usar esta oportunidade para levar seus discípulos a um nível mais profundo de entendimento. O Evangelho não é tanto um ensinamento, mas uma transmissão...

Os discípulos na barca, maltratados e golpeados pelo vento e ondas, são símbolos dos que procuram acatar o Evangelho e enfrentam vários tipos de contrariedades. Encontram-se como os discípulos, ingênuos, que pensam que, como aceitaram a Cristo, a oração e a meditação vão lhes dar um tapete mágico que vai levá-los ao gozo, ou melhor ainda, ao êxito financeiro neste mundo. Nem em sonho!

No meio à tempestade, surge uma figura da escuridão. O que os discípulos pensaram ter visto é algo que poderíamos facilmente visualizar às 3:00h. da madrugada: ‘É um fantasma!’. Jesus está caminhando sobre as águas. Ele surge da tempestade. Isto significa que, num sentido real, *Jesus está na tempestade, no vento e nas ondas*. Pedro escutava o chamado de ir até Jesus sobre as águas. Em outras palavras, Pedro é chamado a se agarrar em Jesus em meio à oposição, decepção e dúvidas de fé. Pedro é um símbolo daqueles cuja fé percebe que o vento não é apenas vento, mas é Cristo nos convidando a encontrá-lo no meio da oposição e tentação.

A resposta imediata dos discípulos é de terror e eles começam a gritar, com medo do fantasma que está se aproximando deles. E Jesus os chama: “Olhem, sou eu de verdade. Não temam!” Então, Pedro lhe diz: ‘Senhor, se és tu, manda-me ir sobre as águas até junto de ti!’ Jesus responde: “Vem!”. Pedro desce até as ondas, caminha sobre a água e estende a mão em direção ao Senhor. Ele se agarra com todas as forças de seu ser à presença de Cristo em meio à tempestade.

Subitamente, o vento aumenta; uma onda bate nas suas pernas e respinga no rosto. Agora, há uma pequena mudança no seu foco em Jesus e ele passa a se fixar na situação atual. Então, ele começa a afundar e grita: “Senhor, salva-me!”. De imediato, Jesus o alcança, agarra-o e coloca-o na barca. E vem uma grande calma e os apóstolos atônitos exclamam: “Tu és verdadeiramente o Filho de Deus.”



É muito consolador saber que provavelmente não vamos ter êxito na primeira vez que tentarmos ver a Deus no meio das dificuldades internas ou externas. Vamos errar nas primeiras vezes. Quando começarmos a afundar, o que temos que fazer é somente pedir ajuda a Deus e Deus parece que modera a intensidade da prova e nos oferece um breve descanso para depois intensificar de novo. O “de novo”, para os apóstolos, foi a crucifixão de Jesus e todos se afundaram. As provas sempre *parecem* que são situações impossíveis. Procuramos aceitá-las, mas elas se tornam muito angustiantes. Nossa fé e nossa confiança diminuem e começamos a afundar. Pedimos ajuda e Jesus então nos resgata. E há uma breve calma. Se continuamos na travessia, o vento e as ondas recomeçam de novo. Novamente procuramos encontrar Jesus na dificuldade e de novo começamos a afogar. E Ele nos puxa para fora. Essa é a história da travessia espiritual de todos e de cada um. O único erro está em cair e permanecer caído; em afogar e não gritar por auxílio.

Pouco a pouco vamos sendo capazes de escutar a leve voz no meio do furacão, do terremoto ou do fogo. Deus está escondido nas dificuldades. Se podermos encontrá-lo ali, nunca vamos perdê-lo. Sem dificuldades, não conheceremos o poder da misericórdia de Deus e o incrível destino que tem para cada um de nós. Devemos ser pacientes com nossos fracassos. Sempre há outra oportunidade, a menos que vamos para a praia e decidimos ficar por ali. O maior perigo de todos é permanecer numa situação em que não há riscos. Encontrar ventos e ondas não é sinal de derrota. É um treinamento na arte da vida, que é a arte de ceder à ação de Deus e crer no Seu amor, não importa o que aconteça.



## *Lectio Divina*

Depois de seu período de Oração Centrante, ou de um pouco de silêncio, continue sentado tranquilamente e leia pausadamente a passagem de São Mateus que inicia este envio: Mateus 14,22-23. Qual palavra ou frase capta sua atenção? Escute esta palavra ou frase, repita-a, saboreie-a. Reflita a respeito do que esta passagem bíblica te diz. Pode ser algo mais específico ou mais geral. Deixe que penetre em seu coração e que te fale no profundo do seu ser no momento presente. Se você se sentir chamado, responda ao recebido na forma de oração espontânea, com suas próprias palavras ou sem palavra alguma, com um simples gesto e adoração, pedido ou agradecimento. Permaneça em silêncio por uns minutos, descansando na Palavra. Permita que você se deixe levar pelo impulso do Espírito em sua Lectio. E se de imediato você se sentir chamado a descansar em Deus, sem reflexão alguma, consinta a esta inspiração. Seja flexível e dócil em todo o processo. Deixa que seja conduzido na Dança.

## *Prática*

◆ Padre Thomas nos diz que Jesus recebeu do Espírito a inspiração de utilizar o que acontecia no momento presente (a tempestade) para aumentar a fé de seus discípulos, ensiná-los a confiar e promover sua compreensão do Reino de Deus. Observem a relação que isto tem com o tema anterior (“Encontrando o Deus de todos os dias”). Somos convidados, pois, a não classificar constantemente os momentos em “bons” e “maus”. Quando algo desagradável acontecer hoje e no curso da semana, convidamos a todos a pronunciar de imediato a palavra “*Bem-vindo!*” e a frase que acompanha a Oração de Boas-Vindas: “*Deixo ir meu desejo de segurança, aprovação e controle. Abraço este momento tal e qual é.*”

◆ Reflita sobre a seguinte frase do envio: “O Evangelho não é tanto um ensinamento, mas muito mais uma transmissão.” Compartilhe as implicações desta afirmação com os companheiros do grupo. O Evangelho “contagia”. O que você experimentou?

◆ Quais são algumas das “tempestades” de sua vida atual? Seja bem claro. O que Deus está te dizendo através destas “tempestades”? Qual é a sua resposta de fé a estas “tempestades”? Creia na presença de Deus em meio às tempestades. (De novo, não estamos promovendo uma atitude de resignação passiva às maldades e injustiças às quais devemos responder, mas a estarmos receptivos às inspirações do Espírito no momento presente da vida cotidiana).



## Consentir a um novo nível de fé

### A MULHER CANANEIA

*“Jesus partiu dali e retirou-se para os arredores de Tiro e Sidônia. E eis que uma cananeia, originária daquela terra, gritava: “Senhor, filho de Davi, tem piedade de mim! Minha filha está cruelmente atormentada por um demônio”. Jesus não lhe respondeu palavra alguma. Seus discípulos vieram a ele e lhe disseram com insistência: “Despede-a, ela nos persegue com seus gritos”. Jesus respondeu-lhes: “Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel”. Mas aquela mulher veio prostrar-se diante dele, dizendo: “Senhor, ajuda-me!”. Jesus respondeu-lhe: “Não convém jogar aos cachorrinhos o pão dos filhos”. “Certamente, Senhor, replicou-lhe ela; mas os cachorrinhos ao menos comem as migalhas que caem da mesa de seus donos...”. Disse-lhe, então, Jesus: “Ó mulher, grande é tua fé! Seja-te feito como desejas”. E na mesma hora sua filha ficou curada.” (São Mateus 15, 21-28)*

Este texto tem um grande significado para a travessia espiritual. Em textos anteriores, vimos Jesus dando exemplos de como perceber a infinita preocupação de Deus na vida diária e nas situações impossíveis nas quais estamos menos inclinados a buscar Deus. Vimos Pedro e seus companheiros como símbolos de nosso esforço para descobrir Deus nas tempestades da vida e de percebê-lo surgindo dos ventos e das ondas. Jesus nos pede para ir mais além disto e responder à sua presença. A resposta de Pedro foi caminhar sobre as águas, símbolo de manter a paz em meio às tribulações e altos e baixos da vida cotidiana.

Agora entramos de cheio no assunto. Como encontrar Deus em sua aparente ausência, na rejeição ou no abuso? Isso é outra coisa. Este episódio é uma descrição de como responder quando a oração se torna difícil, quando a vida interior se desfaz ou quando a noite dos sentidos se abate sobre o nosso ninho espiritual para nos tirar do conforto. A “águia divina” vem para nos empurrar para a realidade. Este maravilhoso episódio nos fala da “noite dos sentidos” do ponto de vista de Deus e sobre sua estratégia na misteriosa aridez, ausência e escuridão que vem depois da primavera da travessia espiritual.

A mulher cananeia parece ter sido pagã. Jesus ressalta, muitas vezes, que as pessoas que estão ‘fora de casa’ têm mais fé do que as que estão ‘dentro de casa’. Ela provavelmente ouviu falar que Jesus aceitava expulsar os demônios. Pensando que Ele aceitaria seu pedido, ela não esperava nenhum problema quanto a isso. Talvez ela tenha visto algumas pessoas se aproximarem de Jesus com o mesmo pedido e foram atendidas sem dificuldades. Então ela diz a Jesus: “Senhor, filho de Davi, tenha compaixão de mim; minha filha está terrivelmente atormentada por um demônio”.

A mulher permaneceu ali de pé esperando uma resposta, talvez esperando escutar alguma frase reconfortante, tal como: “Vai e traga sua filha aqui” ou “Sua filha já foi curada”. Se Jesus tivesse decidido não curá-la, que pelo menos pudesse dizer-lhe, com uma suave palmada no ombro: “Anda, vai para sua casa e oferece para Deus”. Esse é o tipo de coisa que algumas vezes ouvimos, para nossa consternação, de pessoas bem intencionadas, quando estamos com dificuldades.

O texto diz que Jesus não pronunciou palavra alguma; manteve-se em silêncio. Esta é a sua resposta à oração ou não? Eu me aventuro a dizer que o silêncio é uma resposta tão boa à oração como atender ao nosso pedido. Se aceitamos o silêncio como resposta, é possível que possamos perceber seu propósito. Por exemplo, poderia significar que não é o momento adequado para atender o pedido ou que não estamos prontos para uma resposta ou que estamos pedindo algo equivocado. O propósito fundamental da oração não é mudar Deus, mas mudar a nós mesmos e, se não estamos preparados para mudar, não há mais nada a dizer.

Na ‘noite dos sentidos’, vamos ao encontro com Deus e Ele não aparece. Por pouco tempo, não há problema. Mas depois, eventualmente, começa a surgir a pergunta: “Para que vir ao encontro com Deus, se Ele nunca aparece?” Refiro-me à sua aparente *ausência*. Ele está ali, mas em um nível diferente do que nós es-

tamos. No caso da mulher cananea, o objetivo do silêncio é trazê-la do nível de fé que tem no princípio do encontro para um nível de fé mais profundo que ela manifesta no final. Esta estratégia ajusta a ação divina à nossa condição humana... A única forma em que Deus pode levar alguém até um novo nível de fé é desafiando seu nível atual. Muitas das passagens do Evangelho manifestam esta estratégia. Lembremos do Centurião, que obteve de Jesus o que pedia insistentemente, e do homem cujo filho estava na hora da morte e cujo pedido que Jesus fosse a sua casa foi rejeitado. Ao Centurião, Jesus disse: “Irei em seguida”. Por que esta mudança tão estranha na resposta de uma e de outra pessoa? Porque alguém tinha já a plenitude de fé e não precisava ser provado, enquanto que a fé do outro era fraca e precisava ser purificada pelo divino silêncio.

Neste diálogo, a mulher cananea é conduzida de um nível de fé ao outro, até que ela alcança um nível extraordinário... Observemos o que Jesus nos diz: *“Minha missão é somente para as ovelhas perdidas da casa de Israel”*... A mulher cananea interpretou o significado desta declaração como: “Não há nada que fazer, eu somente faço milagres para os israelitas. Sinto muito”. Mas, em resposta, a mulher se aproxima e se prostra a Seus pés, permanecendo na terra, submissa no pó. Seu grito é ‘Socorro!’. Essa é a oração que o Maestro Eckart, o teólogo dominicano alemão, diz que ‘penetra nos céus’... Esse grito de desespero de uma pessoa que se sente rejeitada por Deus diz tudo – é uma súplica que deve tocar até um coração de pedra. Ainda assim, Jesus não dá uma resposta. Onde está a misericórdia divina?

Mas a misericórdia divina não é sentimental e coloca inexoravelmente as realidades máximas da vida diante dela, de modo que ela só possa dizer com total honestidade: ‘Não posso fazer nada por mim mesma; preciso de Sua ajuda’. E Deus não diz nada...

“Não está certo – diz Jesus – pegar a comida dos filhos e jogá-la aos cachorros”. Como pode Jesus dizer uma coisa dessas? A mulher cananea não se deixa intimidar por esse insulto mais do que já estava com o silêncio e a rejeição. E ela responde como efeito: ‘Senhor, está tudo bem, mas você pensou sobre essa possibilidade? Não estou pedindo a comida das crianças; não estou pedindo um pedaço de pão. Até os cães eventualmente comem as migalhas que caem debaixo da mesa por engano. Que tal você jogar uma daquelas migalhas para mim?’

Jesus lhe responde: “Oh, minha querida senhora. Como é grande a sua fé! Você pode ter qualquer coisa que quiser – o mundo inteiro, o universo, qualquer coisa”. Àqueles que alcançaram este nível de fé, tudo lhe pertence. O cosmos foi criado para eles. Esta é a cena. E continua acontecendo em nossas vidas. Podemos aceitá-la, como a mulher cananea, ou simplesmente voltar atrás.



*Segundo nos explica Padre Thomas Keating neste texto, na interação entre ambos, Jesus conduz a mulher cananea a um nível de fé mais profundo, a um novo nível de consciência. Deus utiliza todo tipo de recurso para nos impulsionar no caminho de transformação e alguns de seus “empurrões” (‘nudges’, como os denomina Padre Thomas) podem nos causar um grande desconforto. A mulher cananea nos mostra a necessidade de confiar na presença e ação de Deus em todo momento, inclusive – ou talvez especialmente – naquelas ocasiões nas quais Deus parece ter nos dado as costas.*

Vamos refletir agora sobre este encontro do ponto de vista do efeito que tem em Jesus. Embora proclamamos que Jesus é verdadeiro homem (além de ser verdadeiro Deus), frequentemente pensamos que Ele sempre teve, desde o princípio, uma clareza absoluta a respeito de sua missão. O Evangelho, em mais de uma ocasião, nos indica que não é assim. Como explica Lucas 2:52: “Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e diante dos homens.” Quer dizer, embora Jesus sempre tenha estado em unidade com seu Pai, Ele também experimentou diferentes níveis de sabedoria e de graça que lhe foram sendo reveladas paulatinamente ao longo da vida.

Nesta passagem, encontramos com um Jesus que não percebe ainda a totalidade de sua missão. Como Ele é incapaz de nos enganar, nós tomamos suas palavras à mulher cananea ao pé da letra, como reflexo de sua convicção a respeito de seu chamado até esse momento: “Minha missão é somente para as ovelhas perdidas da casa de Israel”. Sua abertura e humildade, no entanto, permitiram-lhe reconhecer, nas palavras e ações de uma mulher pagã – e por isso duplamente estigmatizada – a voz de seu Pai, que o chamava a um



ministério universal e não somente israelita. Jesus permaneceu sempre em atitude de escuta à voz de seu Pai, viesse de onde viesse, e dali em diante Ele assumiu a amplitude universal de sua tarefa redentora. Em resumo, a fé da mulher cananeia foi, sem dúvida, instrumento de salvação para ela e sua filha, mas também foi instrumento para que Jesus mesmo crescesse em sabedoria, para nosso benefício e de toda a criação. Então, uma pergunta: Permanecemos abertos à voz do Espírito nos lugares e situações mais desconhecidas?

oooooooooooooooo

## *Lectio Divina*

Convidamos a todos a se sentar comodamente e a ler com atenção a passagem de São Mateus 15,21-28, que encabeça este envio. Permaneça atento a qualquer detalhe, palavra ou gesto que capte sua atenção. Em qual aspecto de sua vida este texto bíblico te toca? Continue aberto, escutando a voz sutil do Espírito. Responda com palavras ou em silêncio, quando se sentir chamado a responder.

## *Prática*

♦ Durante a semana, permaneça atento aos encontros casuais que o Senhor colocar no seu caminho. O que você pode oferecer, espontaneamente, em alguns desses encontros? O que você recebeu nestes encontros? Compartilhe com seus companheiros de grupo o que o Senhor te disse através destes encontros ...

♦ Quando você se der conta de que está classificando alguém como “diferente”, estrangeiro, equivocado, ignorante ou o “outro”... pare um pouco e procure se abrir humildemente a uma relação sem etiquetas. O que você descobre nisso? O que você oferece? O que você recebe?

♦ Se você está passando por um período em que Deus parece estar ausente ou, pelo menos, silencioso, procure fazer um ato de fé e peça ao Senhor que te conceda o dom de esperar por Ele e por seu momento preciso. Peça socorro! Persevere em seus dois períodos de Oração Centrante todos os dias. Até as águias precisam de seu pequeno empurrão para aprender a voar.



## Responder em vez de reagir

### A MULHER ADÚLTERA

*Dirigiu-se Jesus para o monte das Oliveiras. Ao romper da manhã, voltou ao templo e todo o povo veio a ele. Assentou-se e começou a ensinar. Os escribas e os fariseus trouxeram-lhe uma mulher que fora apanhada em adultério. Puseram-na no meio da multidão e disseram a Jesus: “Mestre, agora mesmo esta mulher foi apanhada em adultério. Moisés mandou-nos na Lei que apedrejássemos tais mulheres. Que dizes tu sobre isso?”. Perguntavam-lhe isso, a fim de pô-lo à prova e poderem acusá-lo. Jesus, porém, se inclinou para a frente e escrevia com o dedo na terra. Como eles insistissem, ergueu-se e disse-lhes: “Quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra”. Inclinando-se novamente, escrevia na terra. A essas palavras, sentindo-se acusados pela sua própria consciência, eles se foram retirando um por um, até o último, a começar pelos mais idosos, de sorte que Jesus ficou sozinho, com a mulher diante dele. Então, ele se ergueu e vendo ali apenas a mulher, perguntou-lhe: “Mulher, onde estão os que te acusavam? Ninguém te condenou?”. Respondeu ela: “Ninguém, Senhor”. Disse-lhe então Jesus: “Nem eu te condeno. Vai e não tornes a pecar”. (São João 8, 1-11)*

O Templo de Jerusalém era um lugar impressionante: numerosos arcos, muros, torres, pisos ornamentados e um grande altar do sacrifício. Era ali onde Jesus costumava ensinar durante o dia, enquanto que pela tarde se retirava para orar no Monte das Oliveiras. No Antigo Testamento, as oliveiras eram símbolos da misericórdia e cura divinas, uma chave para poder entender esta extraordinária cena.

Quando Jesus retoma seu ensinamento nesta notável estrutura, uma mulher é levada arrastada a Ele. Não é difícil perceber que estão planejando uma armadilha. Jesus percebeu isto logo. Seus inimigos estavam se tornando cada vez mais agressivos e haviam planejado uma armadilha para pegá-lo de modo que Ele não tivesse escapatória. Qualquer coisa que Jesus dissesse, seria usada contra ele mesmo. Eles podiam então acusá-lo e, talvez, desacreditá-lo.

A pergunta era: ‘Surpreendemos esta mulher em um pecado óbvio e a Lei claramente estabelece que ela tem que ser apedrejada. Qual é o seu parecer a este respeito?’ Se respondesse ‘Não apedrejem a mulher’, Jesus estaria contradizendo a Lei. Se dissesse “Apedrejem a mulher”, Jesus estaria contradizendo o sentido geral de seu ensinamento, baseado em que o autor da Lei era ‘Abba’, o Deus de infinita compaixão e preocupação por todos os viventes. Esta era uma ideia revolucionária. O Deus de Israel, até esta época, era considerado como o Deus dos exércitos, o Deus do trovão e do relâmpago, o Deus da justiça estrita, o Legislador de Israel...

Aqui está Jesus, então, enfrentando um dilema. Se Ele disser “Não apedrejem a mulher”, Jesus rompe a Lei; Se disser “Apedrejem a mulher!” , Jesus estaria abandonando seu próprio ensinamento. E eles continuavam insistindo: “Qual é a sua resposta?” Jesus se inclinou e começou a escrever na areia com o dedo. Quanto tempo isso durou, não sabemos, mas todos foram ficando incomodados. O que Jesus estava escrevendo? O que estava fazendo? Ninguém realmente sabe...

... Seus acusadores queriam que Jesus caísse na armadilha que haviam cuidadosamente planejado. Desta forma, continuavam insistindo: “Mestre, qual é a solução para este difícil caso?” No final, Jesus se dirige aos fanáticos da Lei, olha-os e diz: “Quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra”. Então, Jesus agachou e continuou escrevendo na areia.

Observem que Jesus não questionou seu direito de aplicar a Lei; simplesmente insistiu em uma condição: ‘Atirar pedras, mas somente sob a condição de quem o fizer não tenha nenhum pecado em sua própria consciência. Eles entenderem a mensagem e o texto esclarece, de modo significativo, que um atrás do outro foi se retirando, a começar pelos mais velhos’. À medida em que envelhecemos, essa questão da salvação parece que vai se tornando cada vez mais elusiva. Os membros mais velhos do grupo, com a experiência da idade, deixam a cena imediatamente, enquanto os mais jovens, em seu zelo, apenas entenderam a mensagem gradualmente. Finalmente, apenas permanecem a mulher e Jesus, que seguia rabiscando na areia.

Por fim, Jesus olha para a mulher e, com uma certa ironia característica de algumas expressões, diz: “Onde estão todos?”... E logo pergunta à mulher: “Alguém te condenou?” e ela responde: ‘Ninguém, Senhor’...

Observem o respeito que Jesus demonstra por essa mulher. Não faz nenhuma pregação. Ele simplesmente mostra compaixão, tirando-a da situação de aperto. Ele se identifica com ela em sua humilhação. É importante que entendamos isso em nosso próprio caminho espiritual...

Jesus se identifica com os pecadores, não compartilhando seus pecados, mas compartilhando as consequências dos seus pecados. Jesus comeu com os pecadores e publicanos. Compartilhar uma comida comum, na cultura dessa época, era símbolo de pertencer a este grupo, família ou nação. Aqui está o choque dos fariseus, quando o viram comer com os pecadores. Jesus estava se identificando com os marginalizados da sociedade – não somente com os oprimidos, que eram injustamente rejeitados, mas também com os pecadores, que eram justamente rejeitados. Isto significa que, assim como Jesus se identificou com o sofrimento dos pecadores, como consequência dos pecados, assim também Ele se identifica conosco no sofrimento com o qual lidamos devido ao nosso falso-eu e aos nossos pecados pessoais. Podemos nos unir a Ele com a plena confiança de que sua misericórdia se estende à miséria humana que é consequência de nossos pecados pessoais. Não importa o quanto nos distanciamos de Deus, Cristo está sempre aqui nos esperando. Nas palavras de Abbé Huvelin, ‘Cristo tomou para si o lugar mais baixo que ninguém poderá tirá-lo’...

... Nesta passagem, vemos Jesus oferecendo sua grande misericórdia à mulher pecadora e podemos observar que as palavras com as quais Ele a resgata são um convite aos acusadores a entrar na própria consciência e ver o que está errado neles. O problema com as pessoas ‘santarronas’ é que elas são tão pecadoras como aquelas pessoas que condenam, porém não têm consciência disso. Por isso, são mais difíceis de ser ajudados. Quando Jesus diz, “*Quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra*”, Jesus está dizendo aos acusadores: *Por que vocês não olham para sua consciência?*” É Jesus perguntando-lhes, “*Qual é motivação de vocês?*” *Vocês estão assumindo verdadeiramente a responsabilidade por esta ação?*”

Deus continua amando tanto o opressor como o oprimido. Nunca seremos capazes de salvar o oprimido a menos que tenhamos compaixão do opressor. Eles também precisam da salvação. Este Deus nosso não tem favoritos; Ele deseja resgatar a todos. Muitos opressores foram, por sua vez, oprimidos em sua infância.

Os acusadores da mulher pensavam que estavam defendendo a Lei. Eles não reconheciam como hipocrisia o fato de usar a Lei para fazer uma armadilha para Jesus. Ele os convidou a olhar para suas consciências e enfrentar o orgulho que motivava a malícia deles. A questão básica é sempre esta: – Qual é a sua motivação neste ato? É um convite à conversão, a assumir plena responsabilidade de nós mesmos, de nossa comunidade, nação e religião. Jesus deu sua vida pela família humana e é fazendo o mesmo que aceitamos o chamado a segui-lo.



*Como ocorre muitas vezes nos incidentes evangélicos, encontramos muitos níveis de significado neste relato da vida de Jesus. Como indica Padre Thomas, em primeiro lugar está o emprego da Lei para oprimir, rejeitar e tratar de destruir. Este tem sido um mecanismo que levou, muitas vezes, a guerras religiosas, genocídios e execuções na fogueira. Esse, obviamente, não é o caminho de Cristo. Esta passagem também questiona nossa tendência a condenar facilmente os outros, sem tomar consciência de nossos próprios feitos. Antes de emitir a palavra acusatória, Jesus nos convida a considerar: “Quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra”.*

*Todavia, além do mais observamos, neste texto, a forma como Jesus responde ao desafio dos escribas e fariseus. Em outras ocasiões, Jesus respondeu a eles de frente e diretamente (Ver, por exemplo, Marcos 7,1-13), mas, neste caso, está procurando salvar uma vida. Não é possível reagir a este grau de violência de forma direta e desafiadora sem provocar uma represália, o que, neste caso, custaria a vida da mulher pega em adultério. O importante para Jesus, neste momento específico, é responder de uma forma que evite o “lançamento da primeira pedra”, já que, uma vez lançada a primeira, a segunda e as demais viriam em sequência. A violência é contagiosa. Na sua brilhante análise deste incidente, René Girard (“I See Satan*



*Fall like Lightning”, pp56-61) sugere que é por est razão que Jesus inicialmente não olha os acusadores nos olhos, mas abaixa a vista humildemente e escreve na areia. Seu objetivo nesse momento não é fazer valer seus direitos, mas dissipar a violência e impedir que ela se estenda. É a única forma de poder salvar a vida da pobre mulher a seus pés. Jesus não pode correr o risco de que seu olhar seja interpretado como um desafio. Trata-se, ao contrário, de baixar o nível de violência. E René Girard acrescenta: “Salvar a mulher adúltera de ser apedrejada, como faz Jesus, significa que ele impede que se inicie o contágio violento. Inicia, ao contrário, um outro contágio em direção oposta, um contágio de não-violência. Desde o momento que o primeiro indivíduo renuncia a apedrejar a mulher adúltera, ele se torna um modelo que é imitado mais e mais até que, por fim, todo o grupo, guiado por Jesus, abandona o plano de apedrejar a mulher”. A chave, pois, está na forma como Jesus negou a reagir emocionalmente diante do desafio, mas optou por responder com amor, prudência e confiança à situação diante de seus olhos nesse momento. Cada momento tem sua resposta precisa. Estamos sintonizados com o Espírito para saber esperar, escutar e responder?*

## Prática

1. Convidamos a todos a praticar a Lectio Divina com a passagem do Evangelho de João 8,1-11 que refletimos ao longo desse envio. Qual palavra ou frase te atrai ou te toca de modo especial? O que esta palavra ou frase te diz em termos do seu próprio caminho espiritual? Convidamos vocês todos a explorar, em espírito de oração, os distintos níveis de significado dessa passagem.

2. Durante esta semana, preste atenção nas ocasiões em que você se sente tentado a julgar alguma pessoa ou a reagir de forma desagradável ou violenta. Toma consciência desta tendência e procure não reagir imediatamente, mas a dar espaço, a fazer uma pausa que permita responder de maneira firme, mas também serena e amorosamente.

3. Reflita durante esta semana: Estamos sendo instrumentos de contágio positivo, transmitindo amor, aceitação, compaixão ou sendo instrumentos de contágio negativo, transmitindo juízos, fofocas ou violência? Coloquemos tudo isto nas mãos do Senhor e peçamos a graça de aprender a responder, em vez de reagir. A Oração de Boas-Vindas é uma prática muito eficaz para estas ocasiões.





## Vivendo o Mistério Pascal a cada dia

### QUINTA-FEIRA SANTA

*“Então, [Jesus] deitou água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido” (Jo 13, 5)*

Os textos lidos na liturgia durante a Quaresma visam facilitar o entendimento dos mistérios sagrados da Semana Santa. Pensemos na mulher penitente, que lavou os pés de nosso Senhor com suas lágrimas, e em Maria de Betânia, que ungiu seus pés com perfume. Era costume da época lavar os pés dos convidados, dar-lhes um beijo de boas-vindas e ungir a cabeça com óleo. Não era costume, no entanto, beijar seus pés, lavá-los com suas próprias lágrimas ou aplicar um bálsamo precioso de grande valor aos pés – em vez de à cabeça – do hóspede. Por que esses extremos por parte dessas duas mulheres devotadas?

Elas, obviamente, queriam mostrar que não se tratava de um convidado qualquer. Certamente a bondade divina, que louvava a extravagância dessas duas mulheres, não poderia deixar de oferecer a você e a mim as cortesias habituais, se Ele nos convida para Sua mesa de banquete.

Com esse pano de fundo em mente, podemos entender por que Jesus lavou os pés de seus discípulos. Eles iriam ser seus convidados na primeira ceia eucarística, exatamente como estamos sendo convidados em memória da mesma ceia. Essa participação no corpo e no sangue do homem-Deus é o compromisso de um banquete ainda maior: comer e beber a vida imortal e o amor no banquete eterno do céu, onde nosso alimento será a própria essência divina.

Mas como convidados à mesa do banquete do Senhor neste mundo, e como pessoas recebendo hospitalidade divina, os discípulos tiveram que receber, pelo menos, os sinais comuns de cortesia. Ou seja, a lavagem dos pés, o beijo de boas-vindas e a unção com óleo. Essas três ações formam um todo orgânico. Omitir qualquer um deles seria falhar na cortesia, algo que o Pai nunca faria com os convidados em sua ceia. Esses três sinais de cortesia correspondem a três estágios da iniciação cristã.

Primeiro vem a lavagem dos pés, símbolo do Batismo, que deve preceder a Eucaristia. Esta última representa o beijo acolhedor, a intimidade da união e a partilha mútua de profundo amor. A unção da cabeça com óleo perfumado sugere a graça do sacramento da Confirmação. Jesus não ungiu a cabeça de seus discípulos porque o Espírito ainda não havia sido derramado sobre eles.

No nosso caso, no entanto, isso nos é dado toda vez que recebemos a Eucaristia, particularmente na renovação anual do mistério da Páscoa.

Esses lembretes da hospitalidade divina, da inconcebível cortesia que Deus nos concede, fazem-nos aproximar do Mistério Pascal com corações humildes e agradecidos. Como podemos agradecer ao Senhor por esse convite, pela incrível profundidade de sua partilha?

Tendo purificado nossos corações pela ação da graça de nosso Batismo e aguardando ansiosamente a plenitude do Espírito que esperamos receber, consumimos a carne de Cristo, que, como brasa viva, abriga em si a chama eterna do Espírito. Quando recebemos Jesus em nossos corações, nosso ser mais profundo incendeia-se e somos direcionados para a realidade mais profunda da vida humana: a presença da Santíssima Trindade nas profundezas de nosso espírito.



## *Lectio Divina*

Para a maioria de nós, não é difícil dizer como disse Simão: “Senhor, cremos e sabemos que você é o Santo de Deus”. Mas também, às vezes, pode ter passado pela nossa cabeça: “Que linguagem dura o Senhor tem! Quem pode seguir seus ensinamentos?” Mas isso pode ser apenas palavras, não verdadeira oração ...

O grande desafio em nossa experiência cristã é aceitar o convite de Deus para “tomar nossa cruz e segui-lo”. Em outras palavras: assumir nossa condição de batizado e, reconhecendo a fragilidade de nossa condição humana, depositar nossa confiança n’Ele e a certeza de que Sua Presença é a nossa maior esperança. E experimentar o Mistério Pascal, como o padre Thomas Keating nos ensinou, pode ser o alimento permanente dessa certeza!

Que a *Lectio Divina* dessa Palavra nos aproxime ainda mais do Mistério .....

“Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão, que eu hei de dar, é a minha carne para a salvação do mundo”. A essas palavras, os judeus começaram a discutir, dizendo: “Como pode este homem dar-nos de comer a sua carne?”. Então, Jesus lhes disse: “Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeiramente uma comida e o meu sangue, verdadeiramente uma bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Assim como o Pai que me enviou vive, e eu vivo pelo Pai, assim também aquele que comer a minha carne viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu. Não como o maná que vossos pais comeram e morreram. Quem come deste pão viverá eternamente”. Tal foi o ensinamento de Jesus na sinagoga de Cafarnaum. Muitos dos seus discípulos, ouvindo-o, disseram: “Isto é muito duro! Quem o pode admitir?”. Sabendo Jesus que os discípulos murmuravam por isso, perguntou-lhes: “Isso vos escandaliza? Que será, quando virdes subir o Filho do Homem para onde ele estava antes? O espírito é que vivifica, a carne de nada serve. As palavras que vos tenho dito são espírito e vida. Mas há alguns entre vós que não creem...”. Pois desde o princípio Jesus sabia quais eram os que não criam e quem o havia de trair. Ele prosseguiu: “Por isso, vos disse: Ninguém pode vir a mim, se por meu Pai não lho for concedido”. Desde então, muitos dos seus discípulos se retiraram e já não andavam com ele. Então, Jesus perguntou aos Doze: “Quereis vós também retirar-vos?”. Respondeu-lhe Simão Pedro: “Senhor, a quem iríamos nós? Tu tens as palavras da vida eterna. E nós cremos e sabemos que tu és o Santo de Deus!” (Jo 6, 51-69).

## Prática

Ao longo da semana, especialmente se você for participar da Semana Santa (mesmo que virtualmente), após seu período de Oração Centrante ou breve silêncio, procure experimentar o Mistério Pascal ainda mais profundamente, a partir dessas breves reflexões:

- ◆ Se você é batizado, qual é a data do seu Batismo?
- ◆ Se você participa da Comunhão Eucarística, em qual data recebeu-a pela primeira vez? E pela última vez?
- ◆ Se você é Crismado, em que data você recebeu este Sacramento?
- ◆ Você tem o hábito de dedicar veneração a essas datas?
- ◆ Você traz esses sinais da graça à sua memória e coração toda vez que se abre à presença e ação do Espírito Santo em seus momentos de oração?

Este parágrafo do Padre Thomas Keating, abaixo, pode ajudá-lo neste processo:

Na liturgia, o tempo eterno penetra cada momento do tempo cronológico. Os valores eternos que irrompem no tempo cronológico são postos à nossa disposição no momento-presente. É nesse sentido que Cristo está presente em todo o tempo – passado, presente, futuro. Está presente para nós na medida em que estamos presentes para o momento presente. O momento presente transcende todo o tempo e manifesta simultaneamente a eternidade no tempo cronológico.

Toda a vez que celebramos a Eucaristia, manifestam-se cinco presenças distintas de Cristo. A primeira presença de Cristo ocorre quando nos reunimos em seu nome para adorar a ele e ao Pai que ele manifesta. Apenas por se reunir para reconhecer ou adorar Cristo a comunidade cristã torna Cristo presente. A segunda

maneira pela qual Cristo está presente na Eucaristia é durante a proclamação do Evangelho. Os leitores não são apenas comunicadores dos textos sagrados, mas do próprio Cristo. A terceira presença de Cristo ocorre durante a oração eucarística, em que a paixão, a morte e a ressurreição de Cristo se tornam presentes. Os elementos do pão e do vinho também representam a dádiva de nós mesmos. A quarta presença de Cristo ocorre no serviço da comunhão. Nesse momento, os elementos consagrados pão e vinho são apresentados para que cada um de nós os consuma, a fim de que, por nossa vez, sejamos transformados no organismo maior do corpo de Cristo. O Espírito assimila-nos no corpo de Cristo assim como assimilamos os elementos pão e vinho em nosso corpo material.

Note-se a estrutura ascendente dessas presenças. Cada uma é mais sublime que a anterior. Por maravilhosas que sejam essas dádivas da presença de Cristo, elas servem apenas para nos despertar para a Presença suprema, a Presença que já está presente.

É como se Jesus dissesse: “Saia dos limites estreitos de suas ideias preconcebidas e seus sistemas de valores preestabelecidos! Penetre em todo o nível possível da consciência humana! Entre na plenitude da união divina e, então, a partir dessa experiência, pregue o Evangelho para todas as criaturas e as transforme pela autorização que a união e a unidade comigo instalará em você”!

O amor divino nos faz apóstolos em nosso se mais íntimo. De lá vem a presença e o exemplo irresistíveis que podem transformar o mundo.

(Thomas Keating, O mistério de Cristo. São Paulo: Loyola, 2005. p. 18-22)



Cristo Eucarístico, Anônimo, Sec. XVIII (museodelprado.es)

## A Humildade do Amor

### O INTERROGATÓRIO DE PEDRO

*Tendo eles comido, Jesus perguntou a Simão Pedro: “Simão, filho de João, amas-me mais do que estes?”. Respondeu ele: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta os meus cordeiros”. Perguntou-lhe outra vez: “Simão, filho de João, amas-me?”. Respondeu-lhe: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta os meus cordeiros”. Perguntou-lhe pela terceira vez: “Simão, filho de João, amas-me?”. Pedro entristeceu-se porque lhe perguntou pela terceira vez: “Amas-me?” – e respondeu-lhe: “Senhor, sabes tudo, tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta as minhas ovelhas. Em verdade, em verdade te digo: quando eras mais moço, cingias-te e andavas aonde querias. Mas, quando fores velho, estenderás as tuas mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres”. Por essas palavras, ele indicava o gênero de morte com que havia de glorificar a Deus. E depois de assim ter falado, acrescentou: “Segue-me!”. (João 21,15-19)*

Este diálogo entre Pedro e Jesus acontece nas margens do Lago de Tiberíades, depois de uma noite de pesca infrutífera. João Evangelista, refere-se a este acontecimento como sendo a terceira aparição de Jesus. Foi em uma ocasião em que os discípulos, por sugestão do desconhecido que estava na praia, lançaram suas redes para o outro lado do barco e pegaram uma quantidade enorme de 153 peixes. Quando chegaram à margem, arrastando as redes, viram que o desconhecido havia preparado para eles o café da manhã e ainda pediu-lhes alguns dos peixes que acabaram de pescar e os convidou para comer.

Esta cena nostálgica se prolongou. Depois do café da manhã, acontece um diálogo depois que Jesus convida Pedro para caminhar pela praia. Pedro havia negado o Senhor por três vezes. Sua tríplice negação pesava-lhe a consciência, da mesma forma que nossos erros pesam a nossa consciência. Quando fazemos algo que gostaríamos de não ter feito ou quando desejamos fazer algo que gostaríamos ter feito, temos que viver as consequências... Os sentimentos de culpa tendem a nos fazer pensar que o Senhor nos observa com um olhar severo como se dissesse: “Isso é o que você é!”. Mas isto é uma projeção de nossos próprios sentimentos, não é como realmente Deus nos vê. Quando Jesus convidou Pedro a conversar depois do café da manhã, Pedro se sentia como se Jesus apontasse o dedo para ele. Mas observem que isto ocorre no momento oportuno. Não foi com o estômago vazio. Deus sempre escolhe o momento adequando para estas confrontações profundas.

Aqui vem então a primeira pergunta: “*Simão, filho de João, tu me amas?*” O ‘comentarista interno’ de Pedro, que é um juiz emocional que avalia tudo que se passa, é disparado. O ‘comentarista’ diz: “Olha, Jesus se dirige a você usando o tratamento formal”. “*Simão, filho de João*” é um tratamento formal próprio de uma corte judicial. Em vez de chamá-lo Pedro, o nome que lhe foi dado desde o primeiro encontro, Jesus se dirige a ele com um tratamento formal próprio das ocasiões solenes, “*Simão, filho de João, tu me amas?*” Cada uma destas palavras está delicadamente matizada e, a menos que cheguemos a entender estes matizes, não percebemos a extraordinária profundidade deste intercâmbio e a dolorosa natureza desta interrogação. Tu me amas? A palavra ‘amor’ em grego, não é traduzível; significa: “Tu me amas com o mesmo amor desinteressado que eu tenho te demonstrado?” Ou “Tu me amas com o amor generoso que não busca recompensa?”

A resposta de Pedro é “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”. Mas Pedro não usa a mesma palavra para se referir ao amor que Jesus usa. Ou seja, Pedro não assegura ter o mesmo tipo de amor que recebeu. Simplesmente, Pedro diz: ‘Tu sabes que te quero’. A palavra ‘amor’ empregada por Pedro refere-se ao amor fraterno ou ao amor de amizade. Em outras palavras, “Tu sabes que te quero com o meu afeto humano” – a mesma forma em que as pessoas normalmente demonstram amor umas às outras.

Jesus lhe diz: “*Apascenta as minhas ovelhas*”



Eles caminharam um pouco mais longe, enquanto as implicações da primeira pergunta se mantinha na consciência de Pedro. Então veio a segunda pergunta: “*Simão, filho de João, tu me amas realmente?*” De novo, Jesus usa, para se referir ao amor, o termo que corresponde ao amor divino ou amor de entrega total.

Pedro está consciente de até onde estas perguntas estão indo. Todas as reivindicações proeminentes de seu discipulado inicial, seu desejo de ser a mão direita do Messias, desmoronaram. Suas três negações revelaram quem ele realmente era. Quando as peças foram caindo, ele também caiu... Pedro se confrontou de forma desnuda diante da verdade à qual Jesus o conduziu amorosamente. Então, Pedro diz novamente: “Tu sabes que eu te quero com minha pobre afeição humana”. Essa é a única coisa que ele afirma ter.

À medida em que caminhavam, o interrogatório levou Pedro a uma nova profundidade de compreensão. Com as palavras, “Apascenta os meus cordeiros”, Pedro deve ter estado consciente de que Jesus estava restaurando-o como líder dos apóstolos. Pedro estava também consciente de qual era a condição: o reconhecimento de sua total dependência de Cristo.

Agora vem uma terceira e última pergunta. As outras duas prepararam Pedro para a pergunta final. Dúvido que Pedro teria suportado esta última pergunta, se não tivesse passando antes pelas duas primeiras perguntas... Aqui está a última pergunta: “*Simão, filho de João, tu me amas de verdade?*” A palavra amor que Jesus emprega aqui não é o amor divino (ágape) que veio usando, mas um termo usado por Pedro. E a implicação é: “De verdade, tu me amas como irmão ou amigo? Tu me amas com seu afeto humano?” Em outras palavras, “Você tem realmente algum amor por mim?”

Esta pergunta põe em dúvida o amor e o afeto humano de Pedro por Jesus e a dúvida surge precisamente por parte da pessoa que significa tudo para ele. Fazendo a pergunta de outra maneira: À luz de sua conduta, Simão, filho de João, te faço uma pergunta final, ‘tu me amas realmente?’ . quer dizer, aqui temos Pedro pedindo a Jesus que acredite em seu afeto humano e Jesus lhe pergunta: “Estás seguro?”

A resposta de Pedro é: “Senhor, tu sabes tudo”. A palavra grega ‘saber’ se refere aqui ao conhecimento divino... Jesus responde: “Apascenta as minhas ovelhas”. Jesus parece dizer “Aceito seu afeto humano, mas estou te chamando ao amor perfeito que é amar como EU te tenho amado”. Assim, Pedro receberá o amor que é “Ágape”, agora que ele reconheceu que é “puro-dom” e que um dia entregará sua vida por Ele.

Finalmente, Jesus lhe diz: “Segue-me”. Estas são as mesmas palavras pronunciadas por Jesus quando chamou Pedro a ser seu discípulo – as mesmas palavras, mas a uma distância infinita que transcorreu nesses poucos anos: a distância entre a presunção do falso-eu e a humildade do conhecimento iluminado de si mesmo.

O amor de Cristo não recrimina ninguém, mas não pode penetrar na arrogância do orgulho. O falso eu não deseja ser transformado. Ele quer esconder tudo de negativo sobre si mesmo e fingir que pode dirigir nossa vida e talvez a de todos os outros.

A humildade é a condição necessária para o exercício correto da autoridade na Igreja. Quando não está presente, nada funciona. Uma vez que Pedro ia ser o pastor principal, era necessário que ele tomasse consciência de que tudo é puro dom de Deus. Somente então ele estaria pronto para receber o Espírito e ser cabeça da Igreja. Com estas perguntas, Jesus amorosamente joga-o de um abismo de humilhação a outro, enquanto ao mesmo tempo reafirma-o em sua vocação.

Estas são as mesmas perguntas que escutamos na Noite dos Sentidos e, inclusive, mais ainda na Noite do Espírito.



## *Lectio Divina*

Pratique a Lectio Divina com o texto do Evangelho que encabeça este envio. Permita que Jesus faça a você, em seu período de Lectio, as mesmas perguntas que fez a Pedro. Como você pode responder a Jesus? Que palavra ou frase ou versículo chama a sua atenção? Siga a atração do Espírito.

## Prática

1. A Quaresma é a época precisa para permitir que o Espírito sonde nosso interior e nos interrogue como interrogou a Pedro. Não é época de recriminações e nem de “trabalhar” em mim mesmo por minha conta. É época de permitir que o Espírito vá mostrando, como em um espelho, nossas motivações mescladas e nossas debilidades. Aceite-as com humildade e pratique a Oração de Boas-vindas com elas.

2. “*A humildade é a condição necessária para o exercício correto da autoridade*”. Muitos de nós nos encontramos em situações de autoridade em vários contextos (na família, no trabalho, na sociedade). E eu, exerço a autoridade que me corresponde com espírito de humildade? Exerço a autoridade com espírito puramente de serviço ou busco manifestações que sustentam meus centros de energia emocional: segurança; poder/controle; afeto/aprovação? Coloque tudo nas mãos de Deus e permita que o Senhor te guie.



## Descobrimo a Deus presente tanto no sofrimento como na paz

### A MÁXIMA EXPRESSÃO

*“Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim deve ser levantado o Filho do Homem, para que todo homem que nele crer tenha a vida eterna”. Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus não enviou o Filho ao mundo para condená-lo, mas para que o mundo seja salvo por ele”. (João 13, 14-17)*

Este texto começa com a impressionante imagem da serpente de bronze descrita em Êxodo, que curou os israelitas do veneno que eles adquiriram da praga da serpente. Quando eles olhavam para a serpente de bronze levantada em uma vara, eles eram curados. Jesus usou este exemplo para prever sua paixão. A imagem é terrível: um verme preso a uma estaca se contorcendo de dor.

Este exemplo nos leva a uma das mais profundas reflexões que o Evangelho nos suscita: Qual é a Suprema Realidade? Manifestar a Suprema Realidade é a meta da religião budista e manifestar o Espírito é a meta da religião cristã. Podemos por ênfase nesta questão colocando lado a lado duas notáveis imagens destas religiões mundiais. Uma é a de Buda sentado em profundo “samadhi” (Cume da Consciência Divina) com um sorriso de paz inefável em seus lábios.

Há um Santuário em Sri Lanka que Thomas Merton visitou antes de sua morte e onde recebeu o que ele descreve em seu Diário da Ásia como a graça suprema de sua viagem à Ásia. Ele havia ido ao Oriente em busca da sabedoria asiática para acrescentar à sua travessia contemplativa cristã. Ele recebeu nesse Santuário uma notável experiência de iluminação. Ele viu nessa obra de arte a máxima realização humana e a plena realização da iluminação, a posse de todo conhecimento em perfeita liberdade, paz e serenidade, captada pelo sorriso de paz inefável. O sorriso não era de indiferença, mas de absoluta compaixão sem envolvimento emocional. O rosto de Buda sugere como ele se via durante seu último “samadhi”, antes de entrar no *Nirvana* final, a realização da unidade, com tudo o que É. O delicado sorriso transmite a experiência de unidade do Buda a seus discípulos.

Agora, vejamos a outra imagem: Jesus morrendo na cruz, seus lábios contorcidos na agonia da sede e da asfixia. Desses lábios sai um grito de desespero, “Meu Deus, Meu Deus” porque me abandonaste?”. “A mim”, ou seja, “a Teu Filho!”. Este é o último paradoxo: Jesus Cristo, o Filho de Deus, experimentando a alienação mais extrema que ninguém pode ter experimentado.

Comparemos estes dois estados, um de máxima serenidade e o outro de máximo sofrimento. Estes são, até onde sabemos, os estados nos quais cada um deles morreu.

Qual manifestação de Deus é maior? Se estes dois seres humanos estão manifestando a *Suprema Realidade* de forma suprema, então, quem é esse Deus que pode se expressar de duas maneiras completamente opostas? Cada uma delas expressa a Suprema Realidade de uma forma que nenhuma outra expressão humana poderia manifestar. O mistério que nós chamamos Deus transcende a toda experiência humana, mas está claramente presente na maravilhosa serenidade persistente nos lábios de Buda. O que nós deduzimos disso é que a mesma realidade divina está igualmente presente no sofrimento de Jesus, quando suporta todos os níveis da destituição humana. Sua rejeição, humilhação e morte nos dizem algo a respeito de Deus que ninguém havia escutado e nem imaginado. Jesus, ao assumir a condição humana e deixar de lado as prerrogativas divinas que poderia ter invocado, rejeita os arquétipos de imortalidade, invencibilidade e invulnerabilidade e se nega a recorrer a seu poder divino para resgatar-se a si mesmo ou a sua missão. Ele manifesta a máxima humildade de Deus: o desejo de não ser Deus. Este total esvaziamento, que é o coração do amor divino, tem lugar para sempre na Trindade, na medida em que o Pai e o Filho se esvaziam um no outro no amor do Espírito.

Quando o amor divino penetra na condição humana, com as inevitáveis consequências desta união, ele

se transforma em total vulnerabilidade. Deus está presente, não somente na serenidade, não somente no logro espiritual. Deus está também presente no fracasso e no sofrimento extremo e se manifesta igualmente em cada expressão. A paixão e morte de Jesus é a revelação do coração de Deus. Jesus assumiu todas as consequências da condição humana, uma das quais é o pecado. Ele que não conheceu o pecado, experimentou as consequências psicológicas da alienação de Deus, que é o fruto principal do pecado pessoal. Isto significou a perda de sua percepção de unidade com o Pai, o que era todo o significado de sua missão. A crucifixão foi a destruição do trabalho de sua vida e não somente de sua própria vida. Portanto, os lábios de Jesus, rasgados pelo sofrimento e expressando a sensação de abandono da Pessoa Divina mais próxima a ele, nos dizem que Deus está tão presente em sua ausência como em sua presença, no sofrimento como na glória.

Naturalmente, este não é o final da história. Embora Jesus tenha morrido com a última pergunta ainda em seus lábios, ele se moveu a uma realidade nova e inconcebível. A entrega de sua união pessoal com o Pai o lançou a um estado de ser no qual sua humanidade se identifica com a divindade. Ele está em unidade com o Pai e com tudo o que existe. Sua humanidade glorificada compartilha os atributos divinos. Ele está presente em todas as partes, em todos, em tudo e no coração de toda realidade. Ele é o ser humano divino através do qual tudo retorna ao Pai.



## Lectio Divina

Depois de realizar o seu período de Oração Centrante, ou um breve silêncio, convidamos a todos vocês a ler a profundidade do Evangelho que aqui reescrevemos novamente:

*“Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim deve ser levantado o Filho do Homem, para que todo homem que nele crer tenha a vida eterna”. Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus não enviou o Filho ao mundo para condená-lo, mas para que o mundo seja salvo por ele”. (João 3,14-17)*

Faça uma pequena pausa na leitura, quando alguma palavra te chamar a atenção. Deixa que ela penetre na sua alma. Permaneça aberto a perceber o que te atrai de forma especial? O que te diz HOJE neste período de Quaresma? Reflita e procure descobrir pessoalmente se você se sente convidado a responder a cada frase que te toca. Ao final, permaneça em silêncio por uns minutos.

## Prática

Nestes dias da semana, volte à leitura da passagem de João 3, 14-17 no mesmo espírito de oração e escuta.

- ◆ Reflita acerca do convite a descobrir pessoalmente o ensinamento de Jesus sobre “o Deus de todos os dias”. A que você se sente chamado? Como você reage diante desse incomensurável Amor de Deus à humanidade? Você está vivendo aqui e agora a Vida Eterna? Você crê que Jesus veio ao mundo para que sejamos salvos através d’Ele?

- ◆ Às vezes, é fácil descobrir Deus na serenidade, como no sorriso de Buda. Mas não é tanto assim nos momentos de grande sofrimento, insegurança e ansiedade. Nessas ocasiões, com Jesus, nós costumamos dizer: “Deus meu, por que me abandonaste? Então, somos convidados a fazer como Jesus um ato de fé, reconhecendo a presença divina tanto na calma como na tempestade. Como reagimos nesses momentos difíceis? Quais são algumas de suas agonias atuais? Pratique a Oração de Boas-Vindas regularmente.

- ◆ Permaneça alerta para poder reconhecer e cultivar “o Deus de todos os dias”. Explore formas concretas de responder, compartilhe-as com os companheiros de grupo e agradeça do fundo do seu coração a Deus que te deu a Vida para que, crendo n’Ele, possa viver a plenitude aqui e agora.

- ◆ Obrigada!





**“MOISÉS LEVANTÓ  
LA SERPIENTE DE  
BRONCE EN EL  
DESIERTO Y TODO  
EL QUE LA MIRABA  
SE SANABA.**



**JESÚS, EL HIJO DEL  
HOMBRE, HA SIDO  
LEVANTADO EN ALTO  
PARA QUE TODO EL  
QUE CREA EN ÉL  
TENGA VIDA ETERNA.**

## Escutar o movimento do Espírito em seu interior

### OS FRUTOS DO ESPÍRITO

*“Jesus, então, cheio da força do Espírito, voltou para a Galileia. E a sua fama divulgou-se por toda a região. Ele ensinava nas sinagogas e era aclamado por todos. Dirigiu-se a Nazaré, onde se havia criado. Entrou na sinagoga em dia de sábado, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Foi-lhe dado o livro do profeta Isaías. Desenrolando o livro, escolheu a passagem onde está escrito (61,1s): O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para anunciar a Boa-Nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para pôr em liberdade os cativos, para publicar o ano da graça do Senhor. E, enrolando o livro, deu-o ao ministro e sentou-se; todos quantos estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Ele começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu este oráculo que vós acabais de ouvir”.” (São Lucas 4, 14-21)*

O propósito das leituras na liturgia não é tanto o de instruir, mas de demonstrar o poder da graça. São parábolas do poder da graça tal como a experimentamos agora. Estamos expostos na liturgia ao ensinamento sapiencial, ou seja, ao ensinamento desenvolvido para despertar nossa consciência da graça de Cristo ativa em nós. À medida em que a comunidade da liturgia celebra a luz e a vida divina, nossa participação pressupõe que estamos experimentando-as. Nos ensinamentos, escutamos nossas próprias biografias

No Natal, celebramos o evento da Palavra que se fez carne. As implicações históricas são predominantes nessa celebração. Na Festa da Epifania, que é a transmissão da luz divina, celebramos o significado espiritual do acontecimento do Natal. A Epifania é a celebração de nossa união com a Palavra que se fez carne e nossa experiência dessa união. A Liturgia nos apresenta leituras que estão historicamente desconectadas, mas que descrevem nossa assimilação ao mistério da Palavra que se fez carne, nosso despertar à vida divina dentro de nós e nossa capacidade de transmiti-la. “Hoje” na liturgia significa a transmissão do mistério como experiência espiritual imediata. A religião cristã é uma vida para ser vivida. Começa, vacila, cai, levanta, cresce e eventualmente amadurece através de todo tipo de vicissitudes. Devemos saber escutar a liturgia não somente como inspiração e ânimo, mas também como fortalecimento.

A Segunda Vinda de Cristo pode ocorrer de duas maneiras: no final dos tempos (só Deus sabe quando) ou mediante nosso acesso à dimensão eterna em nosso interior. Esta última é o que a liturgia e a travessia espiritual estão procurando realizar. Os valores da vida eterna se manifestam constantemente na dimensão linear do tempo cronológico e nos coloca em contato com a Suprema Realidade.

Os ensinamentos da liturgia depois da epifania são a respeito do significado de ser incorporado dentro do que Paulo chama de “Corpo de Cristo”. Em cada momento do tempo cronológico, o valor divino de cada momento está disponível para nós na proporção de nossa sensibilidade ao Espírito de Cristo. O Espírito sugere o que se deve fazer em cada momento de nossa relação com Deus, conosco mesmo, com as outras pessoas e com o cosmos. Quando escutamos os movimentos do Espírito, em lugar de nossas próprias ideias brilhantes e dos programas egocêntricos para a felicidade, o comentário interior que normalmente sustenta nossos desequilíbrios emocionais chega a seu fim, permitindo-nos aceitar as pessoas e as situações difíceis. A zona neutra que estabelecemos permite que o Espírito atue.

Note-se que Jesus foi conduzido a Nazaré pelo Espírito. Ele não foi ali por sua própria iniciativa. Ele foi seguindo um movimento do Espírito em seu interior, com quem estava plenamente identificado. Deus se preocupa infinitamente por todos os seres vivos. Esta é a fonte de toda verdadeira missão ou mistério dentro da Igreja. A obra não é nossa. É um movimento de amor na Trindade. A liturgia é o grande meio de nos despertar e nos fortalecer para poder ser quem realmente somos: células vivas do Corpo de Cristo, motivadas pelo mesmo amor que vemos em Jesus.



No texto do Padre Keating, encontramos inicialmente um chamado a permitir que Deus seja Deus em nós através do poder da Graça, a ser mais participativos e não simplesmente espectadores. Somos chamados, quando vamos à Liturgia, a nos deixar levar pelo movimento do Espírito e a nos identificar com a Palavra. Então, é estabelecido um fio condutor à celebração do Natal ou Festa da Epifania, cujo significado espiritual nos descreve como a *“união com a Palavra que se fez carne e a nossa experiência dessa união”*. Em seu livro *“O Mistério de Cristo”*, Padre Thomas aprofunda essa experiência como uma transmissão de Deus, que pode ocorrer com uma infusão do amor divino ou ao vislumbrar o Mistério de Cristo, e em ambos é reconhecido como uma dádiva de graça santificante. A Graça de Deus é a presença e a ação de Cristo, não apenas nos sacramentos da igreja e na oração, mas também na vida cotidiana. Escutar a liturgia pressupõe uma preparação e a oração contemplativa é uma delas. Aceder à dimensão eterna em nosso interior.

Deus está conosco a todo momento e Padre Keating vem nos revelando através de cada um dos capítulos anteriores. Se somos sensíveis ao Espírito, estas verdades serão reveladas sempre durante nossa relação com Deus, em nossa vida ordinária com outras pessoas e com o universo. Evitemos escutar o ego que levamos dentro de nós e escutemos mais esses movimentos do Espírito. Deixemos que o Espírito atue através de nós.

Jesus é nosso grande Mestre, Ele nos deu seu exemplo ao deixar-se conduzir pelo Espírito do Pai. Deus está pendente de nós até o mais mínimo detalhe. É nossa Fonte de energia. A obra que fazemos não é nossa; é o movimento do Amor de Deus em nós. Preparemo-nos antes de ir à liturgia onde encontramos uma grande ajuda para despertar esse Amor, ser fortalecido na Fé e poder dizer como Jesus *“O Espírito do Senhor está sobre mim”*.

*“SOMOS células vivas no Corpo de Cristo, motivadas pelo mesmo amor que vemos em Jesus”.*



## *Lectio Divina*

Depois de ler todo o texto, fecha seus olhos e aquiete-se em silêncio por um curto período.

Não se esqueça de se preparar, peça ao Espírito Santo que te dê o dom de escutar a profundidade da Mensagem que HOJE tem para você. Leia novamente o Evangelho que está no início do texto (Lucas 4,14-1). Pare um pouco, quando alguma palavra chamar sua atenção. Escuta a sua biografia. O que Jesus te diz hoje?

## *Prática*

Convido a todos a retornar ao texto de hoje quantas vezes for necessário. E fiquem atentos à escuta durante toda semana. Assim como os que estavam na sinagoga, olhe fixamente a Jesus em seu interior. Procure responder as perguntas que surgiram da leitura. Na sua revisão de Quaresma, inclua o Espírito Santo, e escute o movimento que tem para você.

Você se lembra de alguma pergunta que fez si mesmo depois de olhar para Jesus em seu interior? Vá mais fundo, observe e reflita. O que Jesus veio fazer por você? Com quem você se identifica? Qual é a sua biografia neste Evangelho? Fique em silêncio algumas vezes na semana e escute no silêncio os movimentos do Espírito. Para onde está indo a sua vida? Você incluiu o Espírito Santo na sua vida? Quem você deve prestar atenção... o que você faz por eles? .... Seus pais...cônjuges... filhos... amigos... irmãos...?

Atento e alerta ao movimento do Espírito. *“Mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, irá ensinar-vos todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito.”* (São João, 14, 26)

Não se esqueça de compartilhar. Queremos saber de você!



**Jesús dijo:**

**"Cuando venga el Consolador, que  
yo les enviaré de parte del Padre,  
el Espíritu de verdad que procede del  
Padre, él testificará acerca de mí."**

[ Juan 15:26 ]



## Abertura aos sentidos espirituais

### A CURA DO HOMEM CEGO

*“Chegaram a Jericó. Ao sair dali Jesus, seus discípulos e numerosa multidão, estava sentado à beira do caminho, mendigando, Bartimeu, que era cego, filho de Timeu. Sabendo que era Jesus de Nazaré, começou a gritar: “Jesus, filho de Davi, tem compaixão de mim!”. Muitos o repreendiam, para que se calasse, mas ele gritava ainda mais alto: “Filho de Davi, tem compaixão de mim!”. Jesus parou e disse: “Chamai-o”. Chamaram o cego, dizendo-lhe: “Coragem! Levanta-te, ele te chama”. Lançando fora a capa, o cego ergueu-se de um salto e foi ter com ele. Jesus, tomando a palavra, perguntou-lhe: “Que queres que te faça?” “Rabôni” – respondeu-lhe o cego – “que eu veja!”. Jesus disse-lhe: “Vai em paz, a tua fé te salvou”. No mesmo instante, ele recuperou a vista e foi seguindo Jesus pelo caminho.” (São Marcos 10, 46-52)*

Todos os textos do Evangelho que falam da cura das aflições do corpo referem-se à mudança interior que Jesus era capaz de comunicar no nível espiritual. Sem essa cura, somos cegos à realidade espiritual, surdos à palavra de Deus. Somente vemos o nível superficial da realidade e ouvimos o que nossos ouvidos conseguem captar. Estes não avivam as faculdades intuitivas que percebem a natureza interna da realidade e o mistério no interior dos símbolos da liturgia. A máxima mensagem do universo não é desfrutada, porque não é percebida. Estamos encerrados no nível externo das coisas.

Esse é o problema básico que as práticas religiosas estão preparadas para curar. Os discípulos de Jesus tinham tantos problemas como nós temos hoje em dia. Na última Ceia, Felipe pediu a Jesus que lhe mostrasse o Pai, o Abba de quem Jesus sempre falava durante sua vida pública. Jesus ficou incomodado com este pedido e respondeu-lhe: “Felipe, tenho estado com vocês tanto tempo e ainda não me conhecem? Quem me vê a Mim, vê também o Pai!” Esta forma de ver não acontece, certamente, com os olhos do corpo. Somente os raios X da fé penetram na superfície da pele e dos ossos. Nós ficamos presos à personalidade de uma pessoa, sua origem étnica, nacionalidade, estilo de vida ou compromisso religioso – coisas que nos impedem de sentir a beleza da pessoa, além das coisas que podem nos incomodar. Até os discípulos não escutavam bem; Jesus disse uma e outra vez, “Quem tem ouvidos, ouça”, insinuando que eles escutavam suas palavras, mas não a realidade interior à qual suas palavras apontavam.

O homem cego havia escutado Jesus de Nazaré, enquanto mendigava para ganhar a vida. Quando Jesus vinha pelo caminho, seguido por uma multidão, ele começou a gritar. E Jesus escutou seus gritos e disse: “Tragam esse homem”.

O sentido de ser chamado é traduzido em nossa própria experiência como a atração à travessia espiritual e ao serviço aos demais baseado em uma motivação de preocupação genuína. Todos os valores humanos básicos refletem uma fome de verdadeira felicidade que é potencial em cada um de nós e que pode ser ativada quando miramos com os olhos da fé ou escutamos com os ouvidos da esperança.

O despertar espiritual pode ser descrito em termos dos sentidos espirituais. Quando ouvimos falar de Jesus curando o enfermo no Evangelho, devemos estar alertas ao fato de que Ele está curando sua cegueira, sua claudicação, sua mudez ou sua surdez espiritual. O demônio que sai das pessoas no tempo de Jesus significa a libertação de seus vícios e compulsões. A cura do leproso simbolizava a cura de seu falso eu, uma vez que, naquela época, a lepra significava uma morte certa. De fato, implicava uma morte social, mesmo quando a pessoa continuasse fisicamente viva.

A primeira manifestação dos “sentidos espirituais” é uma atração por Deus. Simplesmente pode ser uma atração a estar a sós com Ele, em silêncio e tranquilidade. É uma certa insatisfação do que não seja somente pensar em Deus ou somente falar com Deus. Jesus disse: “O Reino de Deus está próximo”. Traduzido em termos dos “sentidos espirituais”, está máxima de sabedoria aponta para o sentido interior da presença de Deus. Isto anula a ilusão monumental de que Deus está longe, porque não podemos senti-lo.

O tato é um sentido espiritual mais desenvolvido, uma compreensão adicional de quão perto de nós Deus realmente está.

“O Reino de Deus está dentro de você”, corresponde ao sentido do tato. Este sentido espiritual percebe que Deus não apenas está perto de nós, mas que nós estamos “enraizados” n’Ele. O alimento que ingerimos entra no nosso interior e se transforma em parte de nós mesmos mediante sua transformação em células de nosso corpo. Em certo sentido, nós nos convertemos no que comemos. Na relação transcendental, nós nos convertemos em células no Corpo de Cristo, na nova humanidade cujos olhos e ouvidos estão se abrindo a um nível mais profundo da realidade.

O sentido espiritual do olfato simboliza a atração a Deus; o tato simboliza a proximidade de Deus e o gosto simboliza o sentido de unidade com Deus. Quando vemos com os olhos da fé e escutamos com os ouvidos da esperança, nós nos tornamos sensíveis ao que o Evangelho está dizendo. Sem este despertar, estaremos constantemente perambulando por nossas impressões superficiais e por nossas reações emocionais à vida. O desenvolvimento dos sentidos espirituais nos coloca em contato direto com a sabedoria divina, que avalia as coisas do ponto de vista de Deus.

Os sentidos espirituais... colocam-nos em contato com a realidade, não através dos sentidos externos, mas através das faculdades intuitivas que diretamente percebem os valores maiores do universo. Eles podem despertar gradualmente por meio da oração contemplativa. O despertar dos sentidos espirituais é o chamado do Evangelho a ver com os olhos da fé. Quando os sentidos espirituais se ativam, então verdadeiramente ouvimos e verdadeiramente vemos. Nós temos o aparato receptor para nos abrir ao coração da realidade. Através da fé, da esperança e da caridade, escutamos ao máximo a mensagem do universo. O resultado desse despertar é simbolizado pelo que o homem cego fez depois de ser curado: seguiu Jesus.

Jesus enfatiza o que curou (o cego). A fé! Não é somente a fé que opera por meio da razão, mas a fé que é uma intuição direta. “*Vai em paz*”, Jesus disse àquele homem, “*Tua fé te salvou*”. Tua fé, quer dizer, seu consentimento a Deus que te chama, que te toca, que te transforma. A transformação em Cristo é a cura máxima.



## *Lectio Divina*

Depois de fazer seu período de Oração Centrante, continue em silêncio, mantendo a atmosfera de paz que te rodeia. Convidamos a todos a continuar lendo o Evangelho que está no início deste envio (São Marcos 10, 46-52). Pare um pouco, quando alguma palavra te chamar a atenção. Deixe-a que te interpele... O que esta palavra te diz? Pode imaginar o que tal palavra está te dizendo? Se você se sente chamado a responder, então é o momento de uma oração espontânea e do fundo do seu coração agradeça ao Senhor que se faz presente através de seus sentidos. E com esse agradecimento permaneça na companhia d’Ele.

## *Prática*

O Padre Thomas Keating nos fala que, quando vemos com os olhos da fé e escutamos com os ouvidos da esperança, nós nos tornamos sensíveis ao que o Evangelho está dizendo. Podemos ver mais além do que os olhos nos mostram. O desenvolvimento dos sentidos espirituais nos conecta com as coisas a partir do ponto de vista de Deus. Para facilitar esta experiência, o Irmão Lorenzo, no Curso sobre a Presença de Deus, nos mostrava a necessidade de nos tornar conscientes da Inabitação Divina. Isto, sem dúvida, nos ajudará a ver com os olhos de Deus e a escutar com os ouvidos de Deus.

Convidamos a todos às seguintes práticas:

♦ Observe as pessoas conhecidas que te rodeiam; nós as amamos, mas em certas ocasiões ficamos chateados com elas. Aprenda a olhá-las com os olhos de Deus, cercando-as com seu amor, aceitando-as

como são e deixando de controlá-las. Envie seu amor a estas pessoas e envolva-as com sua ternura. Aprenda a olhar com os olhos de Deus, pois Deus habita nelas.

- ◆ Você consegue sentir o chamado de Deus que te transforma? Esse amor que vai enchendo o seu espírito, você estará compartilhando com as outras pessoas. Deus te transforma.

- ◆ Escute o chamado de Deus em sua travessia. Responda como o cego Bartimeu, que foi a Jesus, consciente desse chamado.

- ◆ Você escuta o chamado ao serviço? Qual é sua resposta? Compartilhe com seus companheiros e companheiras de grupo.



## Confiança no perdão incondicional de Deus. Transmitindo perdão.

### O FILHO PRÓDIGO

*“Disse também: “Um homem tinha dois filhos. O mais moço disse a seu pai: Meu pai, dá-me a parte da herança que me toca. O pai então repartiu entre eles os haveres. Poucos dias depois, ajuntando tudo o que lhe pertencia, partiu o filho mais moço para um país muito distante, e lá dissipou a sua fortuna, vivendo dissolutamente. Depois de ter esbanjado tudo, sobreveio àquela região uma grande fome e ele começou a passar penúria. Foi pôr-se a serviço de um dos habitantes daquela região, que o mandou para os seus campos guardar os porcos. Desejava ele fartar-se das vagens que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. Entrou então em si e refletiu: Quantos empregados há na casa de meu pai que têm pão em abundância... e eu, aqui, estou a morrer de fome! Vou me levantar e irei a meu pai, e lhe direi: Meu pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como a um dos teus empregados. Levantou-se, pois, e foi ter com seu pai. Estava ainda longe, quando seu pai o viu e, movido de compaixão, correu-lhe ao encontro, o abraçou e o beijou. O filho lhe disse, então: Meu pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. Mas o pai falou aos servos: Trazei-me depressa a melhor veste e vesti-lha, e ponde-lhe um anel no dedo e calçado nos pés. Trazei também um novilho gordo e matai-o; comamos e façamos uma festa. Este meu filho estava morto, e reviveu; tinha se perdido, e foi achado. E começaram a festa.” (São Lucas 15, 11-24)*

Aqui nós nos encontramos com um jovem que tem uma enorme energia emocional em querer viver bem. Ele já estava guardando seu dinheiro e agora tem também a herança que solicitou. Seu desejo de felicidade se centra no prazer, afeto e estima. De modo que ele pega suas posses e se prepara para viver uma boa vida. Mas quando está em meio a suas festas contínuas, ele se dá conta de que seu programa emocional de prazer não funciona tão bem quando esperava. Em meio ao prazer desta “grande vida”, acontece uma grande fome e ele perde sua fortuna, seus ‘amigos’ o abandonam e ele não tem nem o que comer. Cheio de desespero, ele começa a trabalhar como cuidador de porcos. E na cultura da época, este era um modo baixo de ganhar a vida. Neste momento, então, ele se lembra do quanto todos de sua casa estão bem alimentados, incluindo os empregados contratados. Note-se que seu motivo para regressar a casa não é o melhor. Sua razão principal é que seu programa de felicidade baseado no prazer já não é mais viável.

Esta parábola nos mostra que estamos ligados a um Deus que está infinitamente preocupado conosco. O pai do filho pródigo esperou anos para que seu filho se despertasse e compreendesse que a felicidade não pode ser encontrada na busca do prazer. Quando ele vê seu filho aproximar-se da casa, ele se comove profundamente. De fato, o pai fica tão tocado diante da visão do filho esfarrapado, que ele esquece da desonrada maneira com que o filho o tratou quando partiu com sua parte da herança. O pai então sai correndo para se encontrar com ele e enche-o de todas as formas de boas-vindas.

Esta parábola é dirigida às pessoas que vivem uma vida qualificada como de “má reputação”. A maior parte dos pecadores, em um nível profundo, é inseguro, solitário e normalmente age baseado no mal que lhes fizeram na infância. A conduta atual não é tanto algo escolhido, mas o resultado de ter que lidar com o esmagador trauma emocional infligido a eles pelos adultos, numa idade em que não eram capazes de enfrentá-lo. A única preocupação deste pai é reabilitar seu filho. A esperança do filho é conseguir um lugar como empregado contratado, para poder obter alimento suficiente. Esse é o grau de confiança que tem em seu pai. O tipo de recepção que recebeu deve ter-lhe causado uma enorme comoção. Abruptamente, ele levou em conta de que nunca havia entendido seu pai ou seu grau de amor a ele; nunca compreendeu a preocupação de seu pai e a profundidade de seu perdão.

Esta parábola é dirigida aos corações das pessoas que perderam a esperança e cujo desespero se expressa na constante repetição de estilos de vida incapazes de proporcionar a felicidade. No entanto, continuam aprisionados neles porque não conhecem a felicidade que se encontra na amizade com Deus, que os tiraria



do círculo vicioso do desejo, da gratificação e da frustração – o ciclo interminável do desejo sem medidas e frustração. O pai estava pronto para perdoar e esquecer tudo, em meio à sua alegria por ter reencontrado o filho que havia perdido. Ir para um país distante em busca de felicidade foi uma tragédia, uma vez que a verdadeira segurança, independência e afeto estavam todos presentes na casa de seu pai, mas o filho pródigo não sabia disto.

Os pecadores que escutavam Jesus estavam sendo convidados ao mesmo perdão ilimitado. Não é o mérito que nos leva à amizade com o Pai, mas o consentir à sua infinita bondade e cuidado.

O que fazemos depois de ter regressado a casa, depois de ter escolhido, uma vez mais, viver sob o olhar infinitamente terna de Deus, em vez de nos esconder dela? O que fazemos com os sentimentos de avareza, orgulho, vanglória, ciúme, inveja, luxúria, o desejo de manipular as outras pessoas ou, enfim, com todo o mundo de egoísmo que não faz parte da casa do pai?

Este retorno à casa do pai não é um regresso ao paraíso. É tão somente um retorno à orientação correta de nossas vidas, como todo dano que trazemos desde nossa infância. Uma vez que escolhemos a orientação de viver na casa do pai, símbolo da presença de Deus, Jesus nos une onde quer que estejamos. Os atos de egoísmo, os olhares retrospectivos, as tendências regressivas a estados a estados emocionais anteriores são coisas que compartilhamos com Cristo e Ele conosco. Ele se identifica com nossa história pessoal em cada detalhe. Em vez de pensar que estamos alienados de Deus, quando surgem as emoções aflitivas, compreendemos que estas são combustíveis do amor divino. Podemos então dar-lhes boas-vindas sem nos identificar com elas, porque as vemos como feridas que Deus está procurando curar.

Neste relato não se fala nada da mãe do filho. O pai parece ser um pai solteiro que se faz pai e mãe para seus filhos. Talvez a ausência da mãe tenha sido o problema básico do jovem desde que começou a viver. Nossa mãe é nossa primeira janela para Deus e se esta janela está ausente devido a incompreensões, ausência física ou cuidado inadequado, é difícil abrir esta janela mais tarde na vida. A vocação de uma mãe é uma das maiores vocações que existem. Começar bem na vida resolve um número enorme de problemas.



## *Lectio Divina*

Depois de um período de Oração Centrante ou de um momento de silêncio interior, continue sentado e releia o Evangelho que inicia este envio de hoje. É uma passagem tão conhecida que, às vezes, deixamos de perceber a profundidade e a novidade de seu ensinamento. Qual frase ou versículo te toca de modo especial? O que te diz acerca de sua vida em geral e de sua vida neste específico momento? Responda ao Senhor que te habita de forma pessoal e espontânea. E permaneça em silêncio por uns breves minutos antes de concluir a Lectio.

## *Prática*

1. Reflita em espírito de compaixão por você mesmo, sem recriminações e sem sentimentos de culpa. Você já se sentiu alguma vez perdoado incondicionalmente como o filho pródigo? Procure se lembrar das circunstâncias. Quem te perdoou desta maneira radical? Deus, outra pessoa, ambos? Como você se sentiu? Que consequências teve em sua vida este perdão sem perguntas? Você pode, por sua vez, perdoar alguém no mesmo espírito que o pai da parábola? Relembre dos detalhes. Compartilhe, se possível, com o grupo. Obrigada.

2. “Em vez de pensar que estamos alienados de Deus, quando surgem as emoções aflitivas, compreendemos que elas são combustíveis do amor divino. Podemos, então, dar-lhes boas-vindas sem nos identificarmos com elas, porque as vemos como feridas que Deus está tratando de curar.” Quais são suas reações quando você observa suas emoções aflitivas (medo, orgulho, ciúme, avareza, etc.)? Você permanece imerso

em sentimentos de culpa ou de derrota? Como Padre Thomas Keating costumava dizer: qualquer sentimento de culpa que dure mais de dez segundos é neurótico. Apresente suas emoções aflitivas ao Senhor, mediante a Oração de Boas-Vindas.

3. Pratique a Visio Divina com o quadro de Rembrandt “A Volta do Filho Pródigo”. Observe os rostos : o que te dizem? Observe os gestos das mãos e a orientação dos corpos. O que te indicam? A que te convidam? Retorne a esta imagem durante a semana. Escute. Sinta.



## Cultivando a capacidade de receber e dar amor continuamente e sem limites

### A ASCENSÃO

*E comendo com eles, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém. Disse: “Esperem o cumprimento da promessa do Pai, que ouviram da minha boca; porque João batizou na água, mas vocês serão batizados no Espírito Santo daqui a poucos dias” (At 1, 4-5)*

No dia da Ascensão, nos alegamos no triunfo de nosso Senhor Jesus Cristo, em sua exaltação à direita do Pai e na glorificação de sua natureza humana. Também nos alegamos em sua chegada invisível como o Espírito da vida em nossos corações. Ele sai, mas volta novamente. Ele desaparece deste mundo visível, mas apenas para retornar ao mundo nas profundezas de todo coração humano, para nos convidar a experimentar o fruto maduro de sua ressurreição, no poder transbordante do Espírito Santo. Hoje, o Senhor começa a liberar o Espírito Divino nos corações dos crentes e experimentamos o Espírito Santo emergindo de nosso ser mais íntimo e fluindo através de toda a nossa natureza humana. Nossos pensamentos, nossas emoções e nosso próprio corpo brilham com o Espírito Divino. Os louvores ao Deus vivo jorram dos nossos lábios, não apenas do nosso próprio coração, mas do coração do próprio Deus, que vive em nós.

“A vocês”, diz Jesus aos seus discípulos, “é oferecido a conhecido os mistérios do Reino de Deus”. O Reino de Deus é a culminância da luz, da vida e do amor que foram liberados em nós pelo poder da Ressurreição e firmemente estabelecidos pela graça da Ascensão. É impossível superestimar a plena dimensão do poder espiritual que agora se move dentro de nós. “Esperem em Jerusalém”, diz Jesus, “pelo poder que vem do alto”.

“Nosso Deus é um fogo que consome tudo”, diz o profeta. Hoje podemos dizer que nosso Deus é energia ilimitada, uma explosão nuclear que nunca acaba. É ilimitada porque sua força está em Deus e é Deus. O amor divino é um poder real, mas o oposto de controle ou manipulação. É o poder de dar continuamente e para sempre. Como o sol, ele nunca para de irradiar energia, luz e força vital. Embora todo mundo feche as cortinas para se esconder do sol, ele continua oferecendo-se a si mesmo. O sol é uma boa imagem de Deus como “um fogo que tudo consome”. O amor divino é a emanção de luz, vida e amor continuamente, que não é desencorajado por nenhum tipo de resistência. Continua vindo.

Qual é a nossa resposta à graça da Ascensão? Através das leituras que nos preparam para esta festa, Jesus propõe uma nova compreensão do mandamento do amor. Ele havia confirmado o ensino do Antigo Testamento, que é o coração da verdadeira moralidade: devemos amar nosso próximo como a nós mesmos. Agora ele nos dá um novo mandamento: amar os outros como Ele nos amou, o que é infinitamente mais exigente. Amar o próximo como a nós mesmos é a mais alta realização do amor humano. Mas Cristo está nos chamando não apenas ao amor humano, sem dúvida nobre, mas ao próprio amor divino. O amor divino é a capacidade de amar sem limites e continuar amando, mesmo que todas as cortinas do mundo estejam fechadas contra nós. É amar o próximo com aceitação incondicional. Amar o próximo como a nós mesmos é a lei do amor humano. É o movimento de dar e receber - de amar e ser amado ao mesmo tempo. Portanto, está relacionado à recompensa do amor.

Amar como Jesus nos amou é amar com o Amor Divino, com o Amor das Pessoas da Trindade, que é total autoentrega. Elas não amam para receber amor em troca, mas porque a natureza do Amor Divino é dar, derramar-se, render-se e fazê-lo por nenhuma outra razão senão por aquilo que é: puro dom. Nós também devemos amar, não para conseguir algo, mas porque somos chamados a ser agentes do amor divino; identificar-se com ele e ser canais dessa imensa energia, até que o mundo seja transformado por Cristo e Ele seja tudo em todos. Nós nos oferecemos, não porque assim o escolhemos, mas porque Jesus nos escolheu e nos mandou amar como Ele nos amou.

Quando duas ou mais pessoas se amam, elas estão em união. Mas os apelos ao amor divino são chamados à *unidade*. “Pai, que eles sejam um, como Tu e Eu somos um.” A energia do amor divino foi introduzida em nossos corações no Batismo e aumentou através da Eucaristia e da celebração anual da Ressurreição. Agora, nesta Festa da Ascensão, somos convidados a entrar ainda mais profundamente no mistério da vida divina, que é a troca infinita do amor divino. O amor de Cristo está presente em nós como uma imensa energia espiritual. O Senhor Jesus nos pede para exercitá-la e transmiti-la até que seja toda nossa vida. Então Ele será tudo em todos nós. Ele será o que é - o Cristo glorificado.



## *Lectio Divina* (Visio Divina)

O convite de Jesus para que **a amarmos as pessoas como ele nos amou** ganha um sentido mais profundo, quando acolhemos a Graça da Ascensão. Passamos a compreender que a irmandade que Jesus inaugurou para com toda a humanidade traz uma verdade que se manifesta inabalável: ninguém seja considerado estrangeiro a nosso coração. Ou, como melhor nos ensinou Paulo VI: “*As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração*” (GS, 1).

Em lugar da *Lectio Divina*, propomos que você faça a experiência da Visio Divina a partir do ícone abaixo. E abra-se à Palavra, através desta obra – *Jesus e o Abade Ména* – mas chamada por alguns de *Cristo Amigo*:

- ◆ Faça a **Leitura** do ícone: observe detalhes, identifique personagens, gestos, objetos.
- ◆ **Medite** o ícone: qual dos detalhes mais lhe chamou a atenção; e em que sentido está relacionada a sua caminhada espiritual?
- ◆ Inspire-se no ícone para sua **Oração**: aceite-o também como um convite e apresente a Deus suas próprias “alegrias e esperanças, tristezas e angústias”.
- ◆ Aproveite o ícone como uma janela para a **Contemplação**: volte aos detalhes, mas agora, em silêncio, permitindo que seu coração compreenda muito mais do que você viu.

## *Prática*

Ao meditarmos sobre a Ascensão, nosso coração fica repleto da amorosa Amizade que Jesus tem por nós. É como ouvi-lo dizer, “colocando sobre nós sua mãe direita: não temas: Eu sou o Primeiro e o Último, o que vive; conheci a morte, mas eis-me aqui, vivo pelos séculos dos séculos” (Ap 1, 17-18). Mas ao mesmo tempo, podem surgir em nossa memória todas as vezes que não conseguimos ser para as pessoas sinal de amorosa Amizade; momentos onde não conseguimos praticar o amor divino (e às vezes, nem mesmo o amor humano).

Por isso, como prática, sugerimos que, após o momento de Oração Centrante, você escolha uma pessoa em particular, a cada dia. E, *abraçado ao Senhor*, lembre-se das vezes que você não conseguiu também abraçá-la: com o olhar, com o sorriso, com as palavras... Faça desse memento de Oração, um momento de perdão:

- ◆ Peça perdão a ela!
- ◆ Perdoe-se!
- ◆ Confie na Misericórdia desse Jesus Amigo, “que faz novas todas as coisas”!
- ◆ E, se Deus assim o inspirar, pense em como poderá partilhar esse momento com ela.

O texto de Pe. Thomas Keating, abaixo, poderá nos ajudar, sendo lido e meditado cada dia da semana,



em preparação à Solenidade da Ascensão:

*A chave para ser um cristão é conhecer Jesus Cristo com todo o nosso ser. É importante conhecer sua humanidade sagrada por meio de nossos sentidos e refletir sobre ela com nossa razão, guardar seu ensinamento e seu exemplo como um tesouro em nossa imaginação e em nossa memória, e imitá-lo com uma vida de integridade moral. Mas esse é apenas o início. É ao potencial transcendente em nós – à nossa mente que se abre para a verdade ilimitada, e à vontade que se estende para o amor ilimitado – que Cristo se dirige no Evangelho com urgência particular. A graça da Ascensão permite-nos perceber o poder irresistível do Espírito transformando tudo em Cristo, a despeito de todas as aparências contrárias. Na miséria do gueto, do campo de batalha, do campo de concentração; na família dividida; na solidão do orfanato, do asilo, do hospital – de onde quer que pareça estar se desintegrando em formas mais extremas do mal – a luz da Ascensão está ardendo com irresistível poder. Essa é uma das maiores instituições da fé (O Mistério de Cristo. São Paulo: Loyola, 205. p. 126-129).*



Ícone copta, sec. VIII (louvre.fr)

## Consentindo à Incerteza

### ESPERANDO POR DEUS

*“Estejam cingidos os vossos rins e acesas as vossas lâmpadas. Sede semelhantes a homens que esperam o seu senhor, ao voltar de uma festa, para que, quando vier e bater à porta, logo lha abram. Bem-aventurados os servos a quem o senhor achar vigiando, quando vier! Em verdade vos digo: ele há de cingir-se, dar-lhes à mesa e os servirá. Se vier na segunda ou se vier na terceira vigília e os achar vigilantes, felizes daqueles servos! Sabei, porém, isto: se o senhor soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria sem dúvida e não deixaria forçar a sua casa. Estai, pois, preparados, porque, à hora em que não pensais, virá o Filho do Homem.” (Lucas 12,35-40)*

Abraão não sabia aonde estaria indo, quando foi chamado pelo Senhor. Ele é o paradigma da fé, especialmente da fé contemplativa, que está disposta a seguir o chamado de Deus ao desconhecido sem saber aonde está indo. De fato, essa é a única forma de ir... Tão logo pensamos que sabemos para onde estamos indo, isto significa que estamos no caminho equivocado.

O Senhor oferece duas parábolas neste texto e ambas tratam a respeito da incerteza. Na primeira, o servo não sabe quando seu senhor regressará do casamento. A segunda afirma que, se o senhor da casa soubesse quando o ladrão chegaria, ele ficaria acordado. Estas parábolas reforçam a ideia de que a travessia espiritual não está programada e não pode ser informatizada. Você tem que estar disposto a tolerar a incerteza, o que significa esperar, ficar em guarda e fazer seu trabalho enquanto espera. Estas parábolas são maneiras de questionar nossa demanda habitual de saber para onde estamos indo, o que está acontecendo, qual é o fim da jornada e, se possível, a data exata em que a união transformadora vai acontecer.

Vamos ver se conseguimos perceber as piscadelas nos olhos de Jesus, enquanto ele dirige essas parábolas para seus alunos. Ele diz: “Deixe que os cintos estejam apertados em volta da sua cintura e suas lâmpadas brilhando intensamente e sejam como servos que aguardam a volta do seu senhor de um casamento.” Este ensinamento é sobre como devemos nos sentir enquanto esperamos por Deus na oração. Jesus diz: “Pense em mim como se eu estivesse em um casamento.” Ele quer que suponhamos que Ele tem um bom motivo para atrasar sua aparição e pede que não nos entreguemos às queixas ou que o repreendamos por sua ausência. O objetivo da espera é estar pronto para que, quando Ele finalmente chegar, possamos nos abrir para Ele o mais rápido possível e desfrutar de sua presença.

Jesus continua dizendo: Bem-aventurados os servos que o Senhor encontra velando a sua chegada. Garanto-lhes que Ele mesmo colocará um avental, vai mandar todos se sentarem à mesa e vai servi-los.” Parafraseando: “Amigos, se vocês não se queixam porque eu demorei tanto na festa, não podem imaginar o serviço que lhes prestarei! É possível que eu venha à meia-noite ou um pouco antes do nascer do sol. Se puderem esperar até lá, vão me ver sair da obscuridade.”

O Senhor sabe perfeitamente bem que nós, assim como os discípulos no Lago de Tiberíades, temos trabalhado duro sem pescar nada e que todos os nossos esforços têm sido estéreis. Nós continuamos esperando. Quando o amanhecer começa a surgir, a paz de Cristo silenciosamente entra no mais íntimo de nosso ser e se transborda em todos os sentidos.

Agora, Jesus muda a imagem. De novo nota-se o bom humor. “Vocês sabem que, se o chefe de família soubesse a que horas viria o ladrão, não lhe permitiria forçar a entrada da casa.” Jesus agora se apresenta a si mesmo como intruso inesperado. Esta parábola se refere não somente à morte física, mas a todas as suas inesperadas intromissões em nossas vidas, que nos tomam de surpresa. Algumas vezes ele vem quando nos encontramos “em apuro”. De repente, inesperadamente, em meio à angústia, raiva, amargura, em meio aos pensamentos lascivos e sentimento de abandono, essa incrível presença amorosa aparece como se estivesse nos dizendo: “ Bom, que passa com você? Por que você está resmungando? Porque ficou um pouco escuro e você não podia me ver. Esteja atento, portanto, porque o Filho do Homem virá quando você menos esperar.

A parte mais escura da noite é quando menos o esperamos. Não são nossas súplicas que trazem de volta o dono da casa. Ele vem quando vê que completamos nossa preparação. A dor de esperar é proporcional à alegria da ressurreição. Para aqueles que estão na travessia espiritual, nada acontece que não seja dirigido à união divina, bastando que digam “SIM”.

Se não pudermos dizer que “SIM”, deveríamos, simplesmente, esperar sem dizer nada. Então, pelo menos não diremos que “não”.

oooooooooooooooo

## *Lectio Divina*

Depois de um período de Oração Centrante, toma em suas mãos, reverentemente, o texto de São Lucas que acabamos de compartilhar. Peça ao Espírito Santo que abra sua mente e seu coração para receber a mensagem que este Evangelho tem *hoje para você*. Leia-o devagar, saboreando... Observe qualquer palavra ou frase que chame a sua atenção. Fique com ela, rumine-a, desfrute ou, se for o caso, permita que essa palavra te questione ou te incomode. Não a deixe de lado; permaneça com ela. Confie na ação do Espírito Santo. Sinta-se em liberdade para reler a passagem quantas vezes você se sentir inclinado e a responder ao que você recebeu com suas próprias palavras. Finalmente, permaneça em silêncio, descansando por uns momento. O que te diz? Como te questiona? De que forma te toca?

## *Prática*

1. Estamos vivendo momentos de grande insegurança, em meio a uma pandemia que fez nossa vida virar ao contrário e que nos chama a abraçar a insegurança, o que é algo nada fácil de fazer.

Como você está caminhando emocionalmente ao longo destas semanas de isolamento e insegurança? Você se sente mais ou menos angustiado do que quando começou este período? Que mudanças você notou em você? O que esta experiência está te ensinando? Como esta experiência afeta o seu desejo de controle? Pratique a Oração de Boas-vindas neste contexto.

2. Você tem experimentado algum desejo de controlar Deus e saber como isso vai se desenvolver na sua travessia espiritual? Você fica desanimado quando te chega alguma das “noites”, que todos vamos atravessar na travessia espiritual, e que parece que Deus foi a uma festa de casamento sem se preocupar com você? Você está disposto a esperar por Deus em fé pura, confiando em seu amor e infinita misericórdia?

Como nos disse Padre Thomas, Deus não pode ir para nenhum lugar porque, se o fizesse, nós nos transformaríamos em uma simples “mancha de gordura”. Ele está mais perto de nós que nossa própria respiração.





## Abrindo-nos à Maternidade de Deus

### O PERDÃO

*"Então, Pedro se aproximou de Jesus e disse: "Senhor, quantas vezes devo perdoar a meu irmão, quando ele pecar contra mim? Até sete vezes?" Respondeu Jesus: "Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete". "Por isso, o Reino dos Céus é comparado a um rei que quis ajustar contas com seus servos. Quando começou a ajustá-las, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Como ele não tinha com que pagar, seu senhor ordenou que fosse vendido, ele, sua mulher, seus filhos e todos os seus bens para pagar a dívida. Este servo, então, prostrou-se por terra diante dele e suplicava-lhe: 'Dá-me um prazo e eu te pagarei tudo!'. Cheio de compaixão, o senhor o deixou ir embora e perdoou-lhe a dívida. Apenas saiu dali, encontrou um de seus companheiros de serviço que lhe devia cem denários. Agarrou-o na garganta e quase o estrangulou, dizendo: 'Paga o que me deves!' O outro caiu-lhe aos pés e pediu-lhe: 'Dá-me um prazo e eu te pagarei!'. Mas, sem nada querer ouvir, este homem o fez lançar na prisão, até que tivesse pago sua dívida. Vendo isso, os outros servos, profundamente tristes, vieram contar a seu senhor o que se tinha passado. Então, o senhor o chamou e lhe disse: 'Servo mau, eu te perdoei toda a dívida porque me suplicaste. Não devias também tu compadecer-te de teu companheiro de serviço, como eu tive piedade de ti?'. E o senhor, encolerizado, entregou-o aos algozes, até que pagasse toda a sua dívida. Assim vos tratará meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar a seu irmão, de todo o seu coração."*

*(São Mateus 18, 21-35)*

Todas as parábolas do Senhor tendem a derrubar os sistemas de valores aprovados ou aceitos em sua época. O Antigo Testamento pedia insistentemente às pessoas para perdoar seus concidadãos. Mas era demais esperar que perdoassem os estrangeiros. A ideia do perdão foi estendida muito além de seus limites, graças ao exemplo e aos ensinamentos de Jesus. Jesus deixou claro que, qualquer que fosse o ensinamento aceitável até aquele momento, estava propondo um novo ensinamento, a saber, que alguém deveria perdoar uma e outra vez, sem nenhuma limitação.

Este ensinamento surpreende a Pedro e aos outros discípulos educados no ambiente religioso de seu tempo. Pedro achou que estava sendo muito generoso ao propor perdoar ofensas até sete vezes. Ele estava esperando um tapinha nos ombros, quando criou essa fórmula. Como sempre acontecia, Pedro calculou mal e foi reprovado. Jesus disse: "Vocês devem perdoar não apenas sete vezes, mas setenta vezes sete". Como sete é um número perfeito, a implicação clara é que o perdão total é o sentido da lei.

A parábola descreve o que aconteceu a alguém que tinha altas dívidas e que estava prestes a ir para a prisão. Ele caiu diante do rei, a quem devia uma grande quantia, e implorou por misericórdia. O rei perdoou-lhe toda a dívida. Esse foi um maravilhoso ato de generosidade para aquela época.

O devedor, livre já de suas dívidas que não podia pagar, apenas colocou os pés na rua e se encontrou com um de seus próprios devedores, que lhe devia uma pequena soma de dinheiro. Ele agarrou o devedor pela garganta dizendo-lhe: 'Me paga o que me deve ou se prepara para as consequências'. O devedor se prostrou com a cabeça no chão, implorando: 'Dê-me tempo e eu pagarei tudo'. Mas esse homem não quis nem saber e o mandou para a cadeia junto com sua esposa e filhos.

Os empregados se indignaram e informaram ao rei o que aconteceu. O rei ficou então furioso. Não sentiriam o mesmo? Mas o perdão das dívidas não era parte da mentalidade de seu tempo. O devedor que foi perdoado estava tão apegado à expectativa de recuperar seu dinheiro, que não podia mudar sua maneira de proceder...

O ensinamento que nos é apresentado tem um certo vigor. Jesus diz a Pedro: "Você não deve apenas perdoar seu irmão sete vezes, mas qualquer número de vezes". Essa é uma nova maneira de pensar sobre o



perdão. Os seres humanos sentem, desde tempos imemoriais, que, se ofendidos, têm o direito de se vingar. É um modo contrário à abertura do coração à qual nos chama o Evangelho. Jesus, usando esses termos fortes, manifesta o caráter materno de Deus. Vivemos em uma cultura patriarcal. Não é o mesmo que uma cultura paternal. A cultura patriarcal enfatiza a dominação em vez do cuidado e da preocupação que são próprios do verdadeiro pai.

O perdão representa o lado terno de Deus. A ternura se associa normalmente com a sensibilidade feminina. Deus solicita o caráter feminino para si mesmo em um número de passagens das Escrituras, como, por exemplo, em Isaías: "Pode uma mulher esquecer-se daquele que amamenta? Não ter ternura pelo fruto de suas entranhas? E mesmo que ela o esquecesse, eu não te esqueceria jamais." (Isaías 49,15)

O universo é o ventre de Deus, do qual surge toda criatura. Qual é o aspecto fundamental de um ventre? É o meio vital em que se desenvolve o vínculo entre o bebê e sua mãe. Este vínculo deve continuar fora do ventre para que a criança possa se desenvolver em um ser humano normal. Nesta parábola, a importância do perdão, como cura essencial de um vínculo ferido, emerge com toda sua força. A saúde e integridade de toda comunidade, sua criatividade e crescimento dependem do sentido de pertencer. Nesta perspectiva, o perdão é uma necessidade; é o próprio tecido do universo.

Os braços estendidos de Jesus na cruz são símbolos do perdão de tudo e todos. Este amor triunfa sobre as forças de entropia na criação. Em certo sentido, não querer perdoar é um ataque a Deus. Ele está tão identificado com a criação que qualquer relutância em perdoar é uma resistência à graça; qualquer tendência a prejudicar ou causar mal a alguém é rasgar Deus em pedaços.

O laço de amor precisa ser renovado constantemente. O perdão mantém e fortalece o vínculo de unidade que permite que toda vida cresça. Se nós temos muito que perdoar, também temos muito que ser perdoados. A proporção entre ambos é muito pequena, é o que sugere a parábola.



## *Lectio Divina*

Neste envio, Padre Thomas faz referência ao lado maternal de Deus. Naturalmente, Deus transcende todo gênero humano; não é masculino e nem feminino, mas os seres humanos precisamos de metáforas para nos relacionar com a Realidade Máxima, sobretudo nas etapas iniciais de nossa travessia espiritual. Como por muitos séculos vivemos uma cultura patriarcal, as metáforas predominantes a respeito de Deus sempre foram masculinas, embora, como nos mostra Padre Thomas, podemos encontrar nas Escrituras múltiplas referências ao aspecto maternal de Deus. Pratique a Lectio Divina com o seguinte lamento do Evangelho de Lucas (13,34) em que Jesus se apresenta com traços maternos:

“Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os enviados de Deus, quantas vezes quis ajuntar os teus filhos, como a galinha abriga a sua ninhada debaixo das asas, mas não o quiseste.”

Qual palavra ou frase te atrai ou te toca mais profundamente? Reflita a respeito do que te diz em sua vida agora, no momento presente. Responda e descanse, em total silêncio, para permitir que a Palavra se faça vida em você.

## *Prática*

1. Reflita a respeito das vezes em que Deus te tratou como uma mãe que recebe incondicionalmente em seus braços. Procure ser claro. Lembre-se destas ocasiões e agradece por estas lembranças. O que estas recordações trouxeram a você de forma especial? Escolha uma pessoa que você queira perdoar de forma maternal e perdoe a você mesmo com grande compaixão. Compartilhe, se possível, com os companheiros do grupo.

2. Talvez a mística cristã que mais profundamente tratou de ver Deus não somente como Pai, mas também como Mãe, tenha sido Juliana de Norwich (1343 – 1416), que viveu na época da pandemia chamada “peste negra”, que acabou com 75% da cidade de Norwich. Juliana inclusive chega a falar de Jesus como Mãe, numa linguagem que, certamente, estamos muito pouco acostumados: “O serviço de uma mãe é o mais íntimo, disposto e confiável, porque é o mais natural, assim como o mais amoroso e, certamente, é a forma mais genuína de serviço que conheço. E o único capaz de realizar em plenitude esse serviço é nosso Senhor Jesus. Sabemos que nossa mãe nos trouxe ao mundo em sofrimento e morte. Mas o que faz nossa verdadeira Mãe? Somente Ele, amorosamente, nos carrega em si mesmo, com amor e dor, até a plenitude dos tempos... Ele deseja nos alimentar, o que é próprio de seu amor maternal por nós. A mãe humana amamenta o menino com seu próprio leite, mas nossa Mãe Jesus nos nutre com Ele mesmo, com a maior cortesia, no Santíssimo Sacramento, com o alimento – sem preço – da vida eterna.”

Como você tem experimentado Deus como mãe hoje e durante esta semana? Como Jesus tem te alimentado hoje e durante a semana? Há outros lugares e outras formas inesperadas nas quais talvez você tenha comido o alimento de Cristo sem se dar conta?

3. Assista, em espírito de oração, este curto vídeo do Papa Bento XVI sobre Juliana de Norwich, em que Sua Santidade fala da sabedoria feminina e maternal de Juliana.

<https://www.youtube.com/watch?v=i4B8-i7ISp8>

## Abertura à realidades mais além de nosso contexto cultural

### LIBERTAÇÃO DO CONDICIONAMENTO CULTURAL

“Muito povo acompanhava Jesus. Voltando-se, disse-lhes: Se alguém vem a mim e se não me ama mais que seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos, suas irmãs e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E quem não carrega a sua cruz e me segue, não pode ser meu discípulo. Quem de vós, querendo fazer uma construção, antes não se senta para calcular os gastos que são necessários, a fim de ver se tem com que acabá-la? Para que, depois que tiver lançado os alicerces e não puder acabá-la, todos os que o virem não comecem a zombar dele, dizendo: Este homem principiou a edificar, mas não pode terminar. Ou qual é o rei que, estando para guerrear com outro rei, não se senta primeiro para considerar se com dez mil homens poderá enfrentar o que vem contra ele com vinte mil? De outra maneira, quando o outro ainda está longe, envia-lhe embaixadores para tratar da paz. Assim, pois, qualquer um de vós que não renuncia a tudo o que possui não pode ser meu discípulo”.. (São Lucas 14,25-33)

O texto apresenta Jesus andando por um caminho, acompanhado de uma grande multidão. Suponho que poderia ocorrer a Jesus perguntar: quem são estas pessoas que me seguem e qual é sua motivação delas? Entretanto, ele se virou e apresentou-lhes as palavras de sabedoria que estão na passagem acima de São Lucas, as quais vou parafrasear: “A menos que vocês, os que estão me seguindo, estejam dispostos a odiar a sua mãe, a seu pai, a sua esposa, a seus filhos e a suas irmãs e irmãos, e regressar a casa; a menos que estejam dispostos a dar as costas às pessoas mais próximas a vocês, não podem ser meus discípulos.” E logo acrescentou: “Também têm que odiar sua própria vida, seu próprio eu, seus próprios pensamentos, juízos e complexos.” Isto não é nada fácil. Como um bom número de pessoas continuou seguindo-o, Jesus acrescentou duas parábolas para um melhor esclarecimento.

Antes de construir uma casa, uma pessoa prudente faz os planos e calcula a fundação tendo em vista a altura do edifício. Jesus comenta: “Refleta a respeito do que significa ser meu discípulo. Não me siga simplesmente às cegas. O que isso vai te custar? Pense bem a respeito da fundação que este edifício requer e com o que você está se comprometendo.”

As expressões de Jesus são de tal modo planejadas para fazer as pessoas questionarem seus valores estabelecidos e assim se abrirem ao programa radical de mudança que Ele oferece. Em geral, não gostamos de mudanças; inclusive mesmo mudanças para melhorar podem nos ser ameaçadoras. É mais fácil seguir amarrados ao sistema de valores que absorvemos de nossos pais, de nossa educação, grupo étnico, nação e formação religiosa. Jesus regularmente convidava a todos que o escutavam a questionar seu sistema de valores... O ponto importante é que as palavras de sabedoria de Jesus desafiam nossos valores inquestionáveis em qualquer época que vivemos.

Uma pessoa muito conhecida, que viveu estas palavras de sabedoria, foi São Francisco de Assis. Ele veio de uma “boa família”, seu pai era um comerciante bem-sucedido e muito respeitado na comunidade. Como a maior parte dos pais, ele pensava que seria bom se seus filhos se casassem com alguém escolhido por eles e tivessem uma boa renda, uma boa casa, filhos e um modo de cuidar deles na velhice, para depois enterrá-los e lembrar deles com amor. Essas eram as expectativas normais da época. Infelizmente, foram institucionalizadas por um longo período de tempo e passaram a ser consideradas valores supremos. Qualquer pessoa que vacilasse diante deste cenário esperado, experimentava grande resistência por parte de seus familiares e amigos. Quando Francisco saiu de casa e deixou seus pertences para trás, seu pai se sentiu insultado, magoado e rejeitado. Seus planos para Francisco foram totalmente interrompidos... Mas Francisco conseguiu romper com os valores limitados de sua família e sua cultura...

Quando somos chamados, como mostra Jesus, a uma série de valores mais elevados, que incluem serviço, não somente a nossa família imediata, mas a um marco mais amplo – como era o caso dos apóstolos – então os valores que não foram questionados se transformam em obstáculos para o caminho. Portanto,

Jesus nos adverte que devemos “odiar” nossos apegos culturais e nos lançar ao desconhecido. Devemos estar prontos a renunciar aos valores que interiorizamos, quando eles se opõem aos valores do Evangelho...

... A luta para deixar ir nossa identificação excessiva precisa ser guiada: há uma linha muito tênue que distingue uma verdadeira vocação de um fanatismo que se agarra a uma visão que não foi matizada ou dialogada com outros valores humanos. As expressões duras de Jesus sempre foram equilibradas com outras instruções que parecem contradizê-las... Essas afirmações de equilíbrio nos alertam que o que Jesus ensina é a liberdade interior da identificação excessiva com a cultura, capaz de impedir o crescimento humano. Não é uma rejeição à gratidão que devemos a nossos pais, mas a liberdade de ir mais além da visão particular do mundo deles.



## Lectio Divina

Leia pausadamente e em espírito de oração as seguintes palavras do Padre Thomas sobre a oração contemplativa:

***“A oração contemplativa é um processo de transformação interior, uma conversão iniciada por Deus e que nos conduz, se o consentirmos, à união divina. Esse processo muda a nossa maneira de ver a realidade. Ocorre uma reestruturação da consciência que nos capacita para perceber, nos relacionar e responder à vida cotidiana com uma sensibilidade cada vez maior à presença divina dentro, através e mais além de tudo o que acontece.”***

*(Thomas Keating, Introdução à nova edição de MACA)*

Permita que alguma palavra ou frase deste parágrafo te toque, te atraia, te questione, te desafie, te console ou te incomode. Fica com ela, rumine-a em seu coração: O que te diz sobre a identificação excessiva sobre os valores da cultura?

## Prática

Em sua definição do falso eu, Padre Thomas coloca a identificação cultural excessiva como um quarto elemento. Os outros três são os centros de energia emocional: segurança; poder e controle; afeto, aprovação ou estima. É importante dar conta do papel que ocupa nossa cultura na formação do falso eu. A identificação excessiva com os valores culturais é o terreno fértil onde se desenvolvem os centros de energia. Isto quer dizer que o que consideramos importante para nossa segurança, nosso controle e nossa aprovação é o que a sociedade que nos rodeia promove como desejável: bem estar econômico, sucesso nos negócios, fama, posições de autoridade, objetos da moda, etc., etc... Desejamos o que os outros desejam em nosso contexto cultural e compartilhamos os preconceitos de nosso meio social. O silêncio da oração contemplativa começa, pouco a pouco, a questionar estes valores no processo da Terapia Divina. E, como nos diz Padre Thomas no parágrafo anterior, começamos a VER com novos olhos e a mudar a forma com a qual percebemos e valorizamos a realidade. Como diria Cynthia Bourgeault, gradualmente começa a “instalar-se um novo sistema operativo” que substitui a forma em que habitualmente percebemos a realidade. Este é um processo de conversão, desapego e consentimento e muitos de nós ficamos estancados nesta etapa, sem consentir plenamente a seu desmantelamento. Sem seu desmantelamento, não há transformação. Quando consentimos o desmantelamento, frequentemente nos sentimos livres, mas também diferentes, sozinhos, talvez rejeitados, unidos em solidariedade com todos os demais, mas não com alguns de seus valores básicos.

♦ Que mudanças de perspectiva você observou em você mesmo depois de um tempo de prática na Oração Centrante?

♦ Quais valores culturais foram ou estão sendo difíceis de soltar em sua travessia espiritual? Quais continuam sendo pedras de tropeço? Peça ajuda ao Senhor. Seja bem claro, porém suave e compassivo com



você mesmo. Trata-se um processo.

♦ Acenda uma vela e ofereça, em gratidão, aqueles valores falsos que você tenha soltado, mesmo que parcialmente. Você se sente agora mais livre? Lembre-se não julgar nem criticar ninguém, nem mesmo a você mesmo, mas simplesmente observar e estar alerta, mas relaxado. Compartilhe com o grupo.

